

Bárbara Narciso Russo

TRANSIÇÃO DE CARREIRA ESPORTIVA: UMA ANÁLISE
COMPORTAMENTAL DAS CONTINGÊNCIAS, APÓS TÉRMINO DE
CARREIRA ESPORTIVA, EM ATLETAS DE ALTO NÍVEL.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

Bárbara Narciso Russo

TRANSIÇÃO DE CARREIRA ESPORTIVA: UMA ANÁLISE
COMPORTAMENTAL DAS CONTINGÊNCIAS, APÓS TÉRMINO DE
CARREIRA ESPORTIVA, EM ATLETAS DE ALTO NÍVEL.

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no
curso de Psicologia, sob orientação da
Profª. Drª. Renata Paparelli.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao Senhor, que acolheu minhas orações e intercedeu pelo meu trabalho, principalmente abrindo os caminhos para que eu chegasse até o participante da presente pesquisa.

Agradeço ao Guilherme, que foi a fonte de inspiração para o meu problema de pesquisa e tema do atual trabalho. Através dele, foi plantada uma semente há três anos, que acabou por germinar agora. Ele não só foi o começo de tudo, mas também o fim desse projeto, quando através dele me foi apresentado o participante dessa pesquisa. Gui, muito obrigada!

Agradeço aos meus pais, imensamente. Ao meu pai, principalmente pelo fato de ter tirado um dia inteiro para me acompanhar na entrevista e assim esperar por horas dentro do carro e a minha mãe, que sempre é a possibilidade de uma melhor escrita e que me fornece diversos caminhos para um melhor crescimento. Aos dois, que estiveram comigo nessa caminhada, agüentando todas as crises que esse momento proporciona.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a Dr^a Renata Paparelli, por desde o começo ter ampliado o meu olhar. Por ter me mostrado o prazer da construção, de algo que parece impossível. Por ter me ajudado a dar passos e me movimentar, quando eu estava parada. E por fim, por ter sido muito especial em sua correção detalhada do trabalho, o que me facilitou muito.

Agradeço a Prof^a. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni, escolhida para ser a parecerista, por ter me dado a primeira luz para que esse trabalho se configurasse em um trabalho e por ter aceitado o meu convite.

Agradeço a todas as pessoas, as quais eu pedi ajuda para escolha de participantes e a todas as que eu envolvi nesse processo, que com muita disponibilidade, me ouviram.

Agradeço ao participante da pesquisa, que sendo quem é, me realizou um sonho de entrevista.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos, afinal, amigos são para essas coisas!

BÁRBARA NARCISO RUSSO: Transição de Carreira Esportiva: Uma análise comportamental das contingências, após término de carreira esportiva, em atletas de alto nível. 2011.

Orientadora: Profa. Renata Paparelli

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo investigar como um ex- atleta, considerado de alto nível, experienciou sua aposentadoria da carreira esportiva. Sob a ótica da Análise do Comportamento, foram analisadas as contingências que fizeram parte desse processo, dando uma ênfase maior à construção de um novo repertório e novos reforçadores. Foram retratados no estudo da literatura, a Psicologia do Esporte, aspectos da carreira de um esportista de alto nível e Transição de Carreira Esportiva, na fase de término. Optou-se pela realização de uma entrevista semi-estruturada (com um roteiro de apoio, previamente estabelecido) com um ex-atleta do futebol, como método de coleta de dados, e também pela realização de uma pesquisa qualitativa. A metodologia de coleta de dados escolhida foi a do método do auto-relato. A análise comportamental das contingências, portanto, proposta no atual trabalho, se deu através da investigação em relação aos reforçadores anteriores e posteriores generalizados, ao término de carreira esportiva; à construção de novos repertórios, em um novo ambiente de trabalho; as possíveis alterações de comportamento e às conseqüências que mantiveram esse comportamento; e o reforço social. Conclui-se que o participante adaptou-se à aposentadoria, não emitindo comportamentos alterados durante e após a transição de carreira. O mesmo construiu novos repertórios e assim obteve novos reforçadores, depois que encerrou a carreira, em seu novo ambiente profissional. Nesse novo ambiente, continua sendo mantido por reforço social.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, Transição de Carreira Esportiva, Análise do Comportamento

Sumário

1. Introdução	6
1.1. Histórico da Psicologia do Esporte	8
1.2. Atletas de alto nível: Aspectos da carreira de um esportista de alto nível	13
1.3. <u>Transição de Carreira Esportiva: Fase do término.....</u>	<u>15</u>
1.4. <u>Análise do Comportamento: Princípios Comportamentais Básicos.....</u>	<u>24</u>
1.5. <u>Comportamento Verbal.....</u>	<u>28</u>
1.6. <u>Análise do Comportamento aplicada ao Esporte.....</u>	<u>31</u>
2. Método	35
3. Resultados.....	38
4. Considerações Finais	<u>53</u>
5. Referências Bibliográficas	69
6. <u>Anexos.....</u>	<u>70</u>
<u>Anexo 1. Roteiro de apoio</u>	<u>70</u>
Anexo 2. Termo de Consentimento	<u>71</u>

1. Introdução

O presente trabalho torna-se importante por dialogar com uma área considerada ainda nova na Psicologia e que necessita de mais contribuições, a Psicologia do Esporte.

Alguns autores específicos da área definem a Psicologia do Esporte como uma área recente, que tem grande ascensão na atualidade. Segundo Souza (2003), *o que temos são os conceitos e os procedimentos da psicologia aplicados a uma área específica, o esporte.* (p.166)

Embora estudada já há bastante tempo, apenas nas duas últimas décadas começa a ser um pouco mais difundida, como relata Rúbio (2000), a Psicologia do Esporte no Brasil. Essa difusão ocorreu na década de 1990, através do início da atuação de psicólogos em algumas seleções nacionais, principalmente no futebol.

Ainda sobre a expansão da área, Souza (2003) afirma:

(...) por mais que possamos verificar uma expansão nessa área e as várias possibilidades de atuação por parte do psicólogo do esporte, muito ainda resta a ser feito. São poucas as equipes no Brasil que contam com a presença ou mesmo ajuda de psicólogos do esporte (p.165).

Ainda segundo Souza (2003), o que contribui para o desconhecimento e pouco envolvimento dos profissionais da psicologia na área é o fato de a psicologia do esporte ter nascido nos cursos de Educação Física e por ser ausente dos cursos de graduação em Psicologia, embora isso esteja mudando aos poucos.

Os estudos e práticas de atuação em Psicologia do Esporte, em sua maioria, focam, como analisa Souza (2003) nos dias de hoje, a importância prática. Desse conhecimento seria baseado o “treinamento psicológico”, que busca melhorar a performance do atleta e sua qualidade de vida. Ainda segundo Souza (2003), atletas e treinadores vêm analisando a questão do treinamento psicológico, fazendo crescer assim a psicologia do esporte.

A Psicologia do Esporte foca amplamente o estudo de práticas de desempenho do atleta para que esse possa melhorar seu rendimento.

Segundo De Rose Jr (2000):

Quando perguntada sobre a importância de se conhecer os aspectos psicológicos envolvidos na prática esportiva e as formas de minimizar seus efeitos no rendimento dos atletas, a maioria dos técnicos e atletas responderá que este é um dos fatores mais importantes para o sucesso da equipe. (p.33)

Assim, o estudo de transição de carreira esportiva se diferencia dessa tendência e passa a ser de muita relevância a partir do momento que aprofunda do conhecimento sobre algo que vai acontecer definitivamente na vida de um atleta e que será seguido de conseqüências. Agresta et al (2008) relatam que, como a Psicologia do Esporte está em um momento de grande expansão em relação aos diversos campos de conhecimento, estão surgindo novas possibilidades de pesquisa e novos interesses em áreas ainda pouco exploradas, como o término de carreira esportiva, que se tornou uma tendência mundial de investigação, pois refere-se a um momento crucial, inevitável na vida de um atleta e porque diz de uma carreira considerada curta, em relação às demais carreiras.

O terceiro aspecto a ser destacado nessa pesquisa e talvez o mais importante, constitui-se no referencial teórico escolhido para a abordagem do tema transição de carreira esportiva, a Análise do Comportamento. Realizar uma análise comportamental das contingências do encerramento do atleta de alto nível no esporte e analisar o processo de transição de carreira em Análise do Comportamento torna-se relevante para a abordagem, que já se dedica à área do esporte há bastante tempo, porém em outros campos.

Referindo-se à abordagem da análise do comportamento quando aplicada à Psicologia do Esporte, diz Souza (2003):

(...) ainda que pudéssemos recorrer a outras abordagens para discutir elas seriam tratadas na perspectiva da Análise do Comportamento, pois entre as características desta está a ênfase na identificação de comportamentos específicos, ao invés do uso de termos genéricos (ex.: motivação, concentração, etc.), empregados na psicologia tradicional (p.162)

Souza (2003) afirma que a origem da psicologia do esporte foram os laboratórios de psicologia experimental. Pesquisas sobre o tempo de reação, reflexos

motores condicionados, aprendizagem e motivação, foram o foco inicial das investigações.

Ainda fundamentando a Análise do comportamento aplicada ao esporte, Cillo (2000) afirma que: *a análise do comportamento aplicada ao esporte traz, então, sua metodologia experimental utilizando-se na mensuração dos comportamentos de praticantes, técnicos e atletas e suas respectivas variáveis controladoras.* (p.90). E que a intenção da utilização da abordagem em sua parte prática seria a de melhorar a qualidade dos desempenhos esportivos, da interação entre os envolvidos e tornar assim a prática física e esportiva mais reforçadora.

De acordo com esses três focos principais que são constituintes importantes do presente trabalho (a Psicologia do Esporte como nova área, a Transição de Carreira como novo foco a ser trabalhado em Psicologia do Esporte, já que esta se baseia mais em estudos de práticas de desempenho de atletas e a Análise do Comportamento como abordagem desse campo) a presente pesquisa visou investigar as possíveis conseqüências que a fase de transição relacionada ao término de carreira esportiva trouxe para a vida de um atleta de alto nível, após encerrar sua carreira, analisando as contingências que fizeram parte desse processo.

1.1. *Histórico da Psicologia do Esporte*

Segundo De Rose (2000), esporte e psicologia começaram a ser pensados juntos no final do século XIX, através de investigações sobre aspectos psicofisiológicos e atividade física. Ainda não era visto, claramente, como a psicologia poderia colaborar com o maior desempenho dos atletas.

Rúbio (2000) apresenta um panorama do início da Psicologia do Esporte em várias partes do mundo.

O início da Psicologia do Esporte ocorreu entre o final do século XIX e início do Século XX, através de uma pesquisa do psicólogo Norman Triplett com um ciclista, no qual pesquisou-se o motivo de se manter um melhor desempenho na atuação em duplas do que sozinho.

Coleman Griffith foi considerado o criador da Psicologia do Esporte nos Estados Unidos, por ser autor do livro “Psicologia de Técnicos”, em 1926, e “Psicologia de Atletas”, em 1928. Foi fundador do primeiro laboratório de Psicologia do Esporte na Universidade de Illinois, em 1925, onde foi fundado o primeiro curso na área.

Na década de 1960, pesquisas em relação à personalidade foram iniciadas na área.

Criou-se em 1965, a Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP) e em 1968, a Sociedade Americana para a Psicologia do Esporte e Atividade Física (NASPSPA).

Nos anos 1980, foram realizados estudos relacionados ao cognitivismo, pensamentos e representações mentais em atletas, a mentalização de sua ação e como isso influenciaria no rendimento. Esses estudos ajudaram posteriormente os programas de treinamento. Outros estudos ainda enfocaram algumas técnicas mais eficazes para aumentar a facilidade de aprendizagem, facilitar as formas de comunicação na relação do técnico com a equipe. Também foram estudados as características psicológicas de execuções exitosas e os fatores psicológicos relevantes no trato pessoal com atletas que sofrem desgaste, lesões ou que estão encerrando a carreira esportiva.

Na Europa do Leste, trabalhos como o incremento ao rendimento de atletas de alto rendimento e a atuação na seleção, treinamento e preparação de atletas para

competição ocorreram por parte dos psicólogos. Os atletas eram avaliados em seus resultados obtidos em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais e os psicólogos eram reconhecidos por buscarem a excelência no desempenho do atleta. Surgiu ainda à criação do treinamento de auto-regulação psicológica, uma técnica utilizada no controle voluntário de funções corporais e emocionais diante de situações estressantes. Nos últimos anos, o estudo de motivação competitiva e enfrentamento efetivo da ansiedade competitiva foram realizados.

Rúbio (2000) faz ainda, uma breve descrição de algumas das atuações de psicólogos em equipes famosas do Brasil.

O psicólogo João Carvalhães atuou 19 anos no São Paulo Futebol Clube, na década de 1950, e na seleção Brasileira de Futebol, campeã da Copa de 1958. Atuou também na Federação Paulista de Futebol junto aos juizes. Apresentou o trabalho “Correlação entre o estado psicológico e o rendimento do atleta de futebol”, no II Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, em Washington. Em 1974, escreveu o livro “Psicologia no Futebol”.

Em 1962, Athayde Ribeiro da Silva trabalhou com a seleção Brasileira, o que fez surgir a criação do primeiro livro de Psicologia do Esporte brasileiro, “Futebol e Psicologia”. Participou do Congresso de fundação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, em Roma, com o trabalho “Observações sobre a Psicologia aplicada ao futebol”, relacionado à sua experiência com a seleção brasileira. Em 1965 escreveu seu segundo livro, “Psicologia esportiva e a preparação do atleta”.

A década de 1970 contou com maior participação de psicólogos no esporte, envolvidos no futebol. João Serapião atuou no Guarani Futebol Clube, em 1971. Paulo Gaudêncio atuou no Corinthians, em 1973, que contou posteriormente com a atuação de Flávio Gikovate, em 1982. Mauro Lopes de Almeida, em 1976, iniciou a atuação do psicólogo em outras modalidades no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, em São Paulo.

Em 1979 foi fundada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte (SOBRAPE), pelo psicólogo Benno Becker Jr.

Na década de 1980, organizou-se o Centro de Preparação Psicológica no Esporte Clube Pinheiros, com a psicóloga Eliane Abdo Philippi. Vários psicólogos atuavam em várias modalidades. Eram realizados tanto Psicodiagnósticos esportivos como suportes psicológicos.

Em 1992, a psicóloga Regina Brandão trabalhou com a equipe de vôlei masculina que obteve medalha de ouro nas olimpíadas de Barcelona.

Em 1999, constituiu-se como grupo a Comissão de Psicologia do Esporte do Conselho Regional de Psicologia (CRP) de São Paulo. A comissão realizou o primeiro evento da área, criado por um conselho de psicólogos. O grupo é referência até hoje para os psicólogos atuantes na área e tem como principal organizadora Kátia Rúbio (Pierro, 2001).

Rúbio (2000) relata que essa nova participação do profissional na área, tendo em vista que a Psicologia do Esporte já existia há um século, cresceu junto às outras seis subáreas que compõem as chamadas ciências do esporte: medicina, biomecânica, história, sociologia, pedagogia e filosofia do esporte, sendo oficializada como parte integrante das ciências do esporte.

De acordo com a autora, a Psicologia do Esporte foi reconhecida como uma especialidade da psicologia pela APA- American Psychological Association, em 1986. A área, na atualidade, ainda não faz parte do currículo da graduação de Psicologia, apresentando-se raramente como disciplina optativa. Já no curso de Educação física, essa se encontra há quase duas décadas na grade curricular.

Pierro (2001) complementa ao afirmar a psicologia do esporte como disciplina integrante das Ciências do Esporte, a partir da década de 1970, através de pesquisas sistemáticas desenvolvidas (estudos experimentais).

Assim, a Psicologia do esporte é dividida em três áreas de atuação profissional: o ensino e a pesquisa, onde profissionais da Educação Física também se encontram, e a intervenção clínica, somente para psicólogos.

Definida por Williams e Straub, em 1991, como: *identificação e compreensão de teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta*, a Psicologia do Esporte tem exercido programas de treinamento psicológico (Rúbio, 2000).

A atuação do psicólogo, segundo Singer, seria dividida em: 1) o psicodiagnóstico, no qual se usaria de instrumentos para avaliar o potencial e deficiências do atleta, 2) o psicólogo como conselheiro, atuando junto à comissão técnica, e atuando de modo coletivo com os atletas, 3) o psicólogo como consultor, atuando em estratégias para otimizar o rendimento, 4) o psicólogo como analista, que avaliaria as condições de treinamento esportivo e 5) o psicólogo como otimizador,

atuando na avaliação de evento esportivo, visando o aumento de potencial de performance.

Segundo Rúbio (1999), os quatro campos de atuação do psicólogo do Esporte são: a) o esporte de rendimento, que busca a otimização da performance do atleta. O psicólogo atua analisando e transformando os determinantes psíquicos que interferem no rendimento do atleta; b) o esporte escolar, com o objetivo de formação. O psicólogo atua na compreensão dos processos de ensino, educação e socialização; c) o esporte recreativo, que seria de prática voluntária, visando ao bem-estar. O psicólogo atua na análise de comportamento recreativo e d) esporte de reabilitação, que visa à prevenção e intervenção em pessoas portadoras de algum tipo de lesão, deficiência física ou mental.

Segundo Rúbio (2000)

(...) técnicos, treinadores e atletas buscam conseguir melhor desempenho em competições e aprendem, entre outras coisas, modos de manejo e enfrentamento do estresse competitivo, controle de concentração, incremento das habilidades de comunicação e coesão de equipe, compondo o chamado esporte de alto rendimento.(p.15)

De acordo com Rúbio (2000) segundo a APA os psicólogos do esporte estão focados em ajudar os atletas a melhorarem seu desempenho através de um nível bom de saúde mental construído através dos princípios psicológicos e orientar para a importância de realizar atividades físicas e para o desenvolvimento psicológico, bem-estar e saúde.

Os psicólogos também atuam nas áreas especializadas de aprendizagem e controle motor. Essas áreas envolvem estudos em psicologia sobre cognição, percepção e psicologia experimental da aprendizagem e do comportamento.

De acordo com Pierro (2001), a Psicologia do esporte vem trabalhando com questões de: motivação, personalidade, agressão, violência, liderança, dinâmica de grupo, bem-estar de atletas, complementando-se por um olhar e enfoque clínico, educacional e social.

1.2. Atletas de alto nível: Aspectos da carreira de um esportista de alto nível

Segundo Böhme (2009), a formação de um atleta de alto nível passa por um longo processo de desenvolvimento de treinamento junto à qualidade de talento do atleta. Para um atleta conseguir alcançar o alto nível e ser detectado, selecionado e promovido a um “talento esportivo”, é preciso um treinamento que começa desde a fase da infância. A idéia de treinamento parte do treinamento a longo prazo (TLP), atingindo bons resultados, de acordo com a idade. Não se pode deixar de lado outras interferências nesse rendimento, como o meio social e condições pessoais do atleta. Assim como ser um “talento” está relacionado com condições geneticamente herdadas e do meio ambiente.

Referindo-se às condições psicológicas dos atletas, a autora cita a motivação para algo que só terá resultado a longo prazo como um fator importante e que tem que ser presente durante a trajetória do profissional.

Atletas que são considerados “talentos” têm um desempenho acima da média como conseqüência do treinamento que exerceu durante o processo. O desempenho é um processo, assim como o alcance de resultados esperados ou não. Só é possível o alcance do desempenho, se levados em conta a idade, treino, talento e as condições de interferência pessoal, como o desenvolver habilidades e capacidades psíquicas.

O treinamento a longo prazo é composto de níveis (geral, básico, específico) de acordo com a idade, até alcançar o alto nível no esporte. O TLP deve começar logo na infância, com o estímulo de vivências motoras na escola (educação física). Depois, deve iniciar-se o treinamento (dando continuidade ao da escola) em um clube ou na própria escola, mas de forma mais aprofundada, dando espaço à especialização de alguma modalidade, posteriormente. Para se alcançar um alto nível são necessários anos de treinamento.

O atleta tem que seguir, com rigor, certos condicionamentos básicos e diários, para alcançar o objetivo da carreira. O rigor que exige o treino aponta para outra questão, a pressão sofrida por esses atletas e a dedicação, desde pequeno, a só um lado da vida. O emocional do atleta é muito prejudicado por trabalhar sobre pressão, frustrar-se com perdas e incertezas de resultados e depender de si próprio (além de qualquer coisa) para estar bem e alcançar resultados.

Outros autores também discutem sobre os aspectos psicológicos da carreira de um esportista de alto nível. De Rose Jr (2000) discorre sobre a importância do esporte em nosso país. O esporte tem um grande apelo popular, não só no Brasil, como em todo o mundo. A importância e a ênfase da mídia para o esporte são grandes, assim como a idolatria de “talentos” do esporte.

Para Rúbio (2000), o esporte é um dos principais fenômenos do século XX, constituindo-se como responsável por grande movimentação de capital.

Souza (2003) caracteriza os atletas por ganharem muitos títulos, e através desses títulos ganham fama e reconhecimento, podendo ser os sonhos de muitos brasileiros que vêem no esporte uma forma de ascensão social. Em prol disso, o atleta é muito exigido, em sua dedicação e preparação física, técnica e tática.

Brandão (2004) enuncia ser grande a expectativa dos jogadores de alto nível de se tornarem atletas de sucesso, pois esse feito garante a eles a mobilização de atenção de investimento financeiro e espaço na mídia.

Pierro (2001) ao citar Digel, argumenta que o esporte de alto rendimento constitui-se em um sistema, onde um pequeno número de atletas faz do esporte sua principal ocupação. Existindo, assim, uma massa consumidora que financia esse espetáculo, junto aos meios de comunicação de massa.

A autora também cita Bracht que olha para o esporte como exercendo uma função de desviar a atenção de problemas sociais, sendo compensatório para condições de vida desfavorável (Pierro, 2001).

Normalmente, nomear o atleta como “talento” do esporte é equivalente a compreensão de que este é de alto nível, pois não há como se destacar como talento se não houver um longo processo de desenvolvimento de um treinamento rígido. São os atletas de alto nível que se tornam ídolos para a sociedade, devido ao seu talento.

Algumas variáveis interferem no desempenho do atleta de alto rendimento e são discutidas por Figueiredo (2000), como atenção, concentração, motivação, ansiedade, tensão e coesão de grupo, quando cita a literatura de psicologia aplicada ao esporte. Afirma ainda que: *os pesquisadores da área têm como principal objetivo o estudo dessas variáveis e o desenvolvimento de estratégias que contribuam para a otimização do desempenho de atletas.* (p.113).

1.3. Transição de Carreira Esportiva: fase do término

Sobre a transição de carreira, disse Barros (2008):

O trabalho proporcionou verificar que a atuação do psicólogo do esporte é ainda pouco desenvolvida, encontrando-se escassa referência bibliográfica, especificamente no Brasil, onde foram relacionadas somente duas revisões de literatura a respeito do tema. Pode-se concluir que o psicólogo do esporte brasileiro necessita atuar neste campo para a compreensão da realidade nacional, considerando características econômicas, sociais e culturais do contexto esportivo e a especificidade de nosso atleta, suas necessidades e dificuldades para que programas específicos sejam desenvolvidos a fim de enfrentar as adversidades resultantes de transições que ocorrem durante a carreira esportiva. (p.1)

Segundo a autora, a literatura brasileira referente à transição na carreira esportiva é escassa, restringindo-se apenas ao trabalho de revisão de literatura de Brandão et al (2000) sobre encerramento da carreira do atleta e a um capítulo escrito por Martini (2003).

Ainda segundo Barros (2008), o encerramento de carreira esportiva começou a ter a devida atenção somente nos últimos 20 anos.

Alguns autores irão discutir a transição de carreira. Agresta et al(2008) discutem o fato de que a carreira esportiva é curta em comparação a outras carreiras. Para tornar-se um atleta de elite é necessário manter a disciplina para treinar durante um longo período de tempo. A dedicação ao esporte é muito grande e o atleta inicia sua carreira em idades precoces. Após anos de dedicação, é inevitável que o atleta se encontre com o processo final de sua carreira. Nesse momento, frequentemente o atleta percebe que não houve uma preparação quanto a isso, por parte do profissional, de uma vida pós-esporte.

Muitos se iludem, ao achar que a fama durará para sempre. A aposentadoria, então, pode gerar situações de estresse e de crise de identidade.

Segundo Agresta et al (2008):

Os dias de brilhantismo e prestígio, tão desejados no início de uma carreira esportiva, chegam ao final, já que a aposentadoria é

inevitável. A transição de uma vida esportiva para uma vida pós-esporte não se dá de forma fácil; muitas vezes, não existe suporte dos dirigentes esportivos e os jogadores, em geral, têm poucas possibilidades de uma nova profissão que não esteja relacionada ao ambiente esportivo. (...) Alguns estudos comentam a dor emocional e a saudade vivenciada por atletas em final de carreira, que podem se tornar ansiosos e depressivos, abusar de álcool e drogas. O distress se estabelece quando consideram o que irão fazer, uma vez que não podem mais participar do esporte como jogadores de alto nível, e os amigos, companheiros de time, jornalistas e torcedores desaparecem. (p.506)

Para exemplificar melhor essa fase, Agresta et al (2008) citam algumas declarações de ex-atletas, como Pelé, em entrevista ao *Jornal da Tarde*: *“Aceitar que chegou a hora de parar é terrível, a depressão surgiu quando a hora chegou”*.

As declarações mais recentes de um ex- atleta que passou por essa fase na atualidade, Ronaldo, recentemente aposentado, deixou claro o desconforto da transição em entrevista no CT do Corinthians. Aos 34 anos, oficializou sua saída do futebol profissional. Comentando a frase do também ex-atleta Falcão, sobre o jogador de futebol ser o *“único que morre duas vezes”*, disse Ronaldo: *“É muito duro você abandonar algo que te faz tão feliz. Desde que eu decidi que ia parar, parecia que eu estava na UTI, em estado terminal. E hoje eu anuncio minha primeira morte”*.

Em revisão de literatura sobre transição de carreira, dizem Brandão et al (2000): *a fase de transição relacionada ao término da carreira esportiva,requer de ex-atletas ajustamentos em todas as esferas de sua vida ocupacional, financeira, psicológica e social. (p.1).*

Especificamente para passar pela transição de carreira de forma adaptada, deveria haver uma busca pela autonomia pessoal durante a carreira e o devido investimento e desligamento dentro e fora do contexto esportivo.

Ainda segundo Brandão et al(2000):

Os psicólogos do esporte podem ser uma peça-chave neste processo de planejamento e ajustamento da carreira pós-atlética. A transição de carreira esportiva é o resultado de inúmeros fatores e mais freqüentemente uma combinação de fatores individuais e influências sociais. (p.1)

Os fatores comuns que fazem parte desses resultados seriam: idade, novos interesses, fadiga psicológica, dificuldade com a equipe técnica, baixos resultados esportivos, contusões, problemas de saúde ou ficar na reserva.

De acordo com os autores que estudam a transição, a boa passagem por essa fase dependerá de fatores como: experiências de desenvolvimento, auto-identidade, percepções de controle, identificação social, apoio social e um planejamento da aposentadoria.

Agresta et al (2008) apresentam resultados de pesquisa que avaliam os fatores que causaram o término da carreira esportiva de 79 ex-jogadores de basquete e futebol, que se relacionam com os fatores descritos acima. Resultados mostraram que 75,9% dos ex-jogadores tomaram a decisão de encerrarem suas carreiras espontaneamente. As causas freqüentes foram: idade (49,4%), outros interesses (43%), mudanças no estilo de vida (17,7%), problemas de saúde (16,5%), lesões (15,2%), ausência de perspectivas futuras (13,9%), problemas de relacionamento com dirigentes (13,9%), baixos resultados (12,7%), cansaço psicológico (11,4%), relacionamento com o técnico (10,1%), cansaço físico (7,6%), relacionamento com a família (7,6%) e relacionamento com a equipe (3,8%).

Brandão et al (2000) relatam que uma passagem ruim pela transição poderá proporcionar dificuldades de ajustamento, problemas ocupacionais, financeiros, sociais ou problemas em relação ao consumo de drogas ou até de ordem psicopatológica, na qual a intervenção de um psicólogo do esporte será necessária.

Em relação à passagem não adaptada para a fase do término de carreira esportiva, a pesquisa realizada por Agresta et al (2008) novamente ilustra com alguns dados estatísticos as conseqüências emocionais da transição de 79 ex-jogadores de basquete e futebol. Observou-se que 50,6% sentiram tristeza no momento da transição esportiva para uma nova carreira, 6,3% sentiram-se tensos, 5,1% sentiram medo, 5,1% ficaram deprimidos, 3,8% sentiram raiva, 3,8% ficaram ressentidos e 1,3% sentiram culpa. A conclusão do estudo foi que, por conta dos atletas viverem uma carreira esportiva longa, no momento da aposentadoria, estes vivenciaram sentimentos de tristeza.

Samulski et al (2009) também realizaram um estudo com seis ex- atletas de alto nível de cinco modalidades: futebol, ciclismo, natação, tênis e vôlei. Os atletas possuíam em média 15 anos de prática em sua modalidade e haviam participado de competições internacionais representando o Brasil.

Sobre o encerramento da carreira, cinco atletas tiveram como causa: contusões, queda do rendimento, questões financeiras e falta de prazer para a prática. Em relação ao apoio obtido nesse momento, cinco atletas relataram incentivos e suporte por meio da família, cônjuge e instituição esportiva. Em relação ao meio social, todos os ex-atletas estavam em grupos sociais ligados ao esporte. Porém, quatro ex-atletas também contavam com ambiente social externo ao meio esportivo. Para cinco ex-atletas, essa fase foi de dificuldades relacionadas à administração nos estudos, frequência de lesões, condição financeira e manutenção do rendimento atlético. Como estratégias para facilitar a passagem por essa fase de término relataram a presença de novas capacitações em outras áreas e a ajuda de psicólogos. Relatos do pós-término da carreira apontaram motivos que ajudaram os ex-atletas a permanecerem motivados. São eles: manutenção e construção de uma família, busca pelo crescimento profissional, atividades fora do contexto esportivo e maior envolvimento social. Observa-se que todos eles fizeram um planejamento da vida de aposentados.

Existem vários tipos de transição de carreira esportiva. Brandão et al (2000) enumeram alguns como: “Drop-out” prematuro (desistência antes que o atleta tenha alcançado o máximo de seu potencial), “Burnout” (exaustão emocional) e “Attrition” (processo de exaustão física e psicológica).

Alguns modelos teóricos surgiram para explicar a transição de carreira esportiva. Estes se originaram principalmente da Tanatologia (estudos da morte e dos processos de morrer), baseados nos trabalhos de Kubler e Ross citados por Wylleman et al em 1999 e do estudo do processo do envelhecimento, Gerontologia social (Brandão et al, 2000).

O modelo tanatológico trata-se da morte social (a aposentadoria relacionada à perda da função social), consciência social (crescente conscientização) e fases da morte (fazem parte as cinco fases do luto: negação, isolamento, raiva, depressão e aceitação, nesse caso do fim da carreira do atleta).

O modelo da Gerontologia social passa por seis teorias: teoria da atividade (o ex-atleta de elite encontra novos papéis para si, que não o de atleta), teoria da subcultura (a interação social entre indivíduos ajuda na adaptação do aposentado), teoria da continuidade (é importante o modelo estável de conduta do atleta, dando a manutenção de continuidade durante o afastamento), teoria do desligamento (a aposentadoria é uma manifestação necessária do afastamento do atleta), teoria do

colapso social (atletas se tornam vulneráveis ao julgamento social, o que levaria ao possível afastamento), teoria da permuta (reorganização de atividades do ex-atleta).

Os modelos tanatológicos e da gerontologia foram superados mais adiante por novos modelos, como o Modelo Analítico e o Modelo de Adaptação Humana à transição. São levados em conta, nestes modelos, as características de vivências individuais (idade, sexo, capacidade psicossocial), percepção da própria mudança de transição (sentimentos) e características do ambiente pré e pós- transição.

Em Brandão et al (2000), os estudos citados de Slambulova nos anos de 1997 e 1999 também dizem sobre novos modelos. Nesses estudos, os Modelos Psicológicos destacam-se por suas aplicações na carreira esportiva e suas fases.

A partir desses estudos, foram criados modelos teóricos da Carreira Esportiva que: guiaram pesquisas, proporcionaram criações de instrumentos adequados, possibilitaram dados estatísticos, introduziram aspectos novos de estudo (emoção, motivação), contribuíram para a avaliação de efeitos psicológicos na carreira esportiva e proporcionaram o pensamento de tendências futuras .

Exemplificando os modelos, o primeiro trata-se do Modelo Sintético (que se justifica por olhar o objetivo e características subjetivas da carreira esportiva): na parte objetiva, são analisadas o nível de conquistas esportivas, custo (gasto de tempo, energia, saúde e dinheiro), número de eventos que participou, duração e limites da idade; na parte subjetiva são analisadas, a satisfação do atleta (auto-estima) e nível de sucesso (símbolo social).

O segundo trata-se do Modelo analítico, que se caracteriza por visar à longa duração da carreira esportiva, com estágios e transições. Esses seriam o início da especialização esportiva; treinamentos intensivos; esportes de grandes realizações; esportes de adultos; amador para o profissional; do apogeu para o fim da carreira esportiva; término da carreira esportiva.

O terceiro trata-se do Modelo Estrutural, que se guia na direção da qualidade, motivação e estilo do desenvolvimento do atleta. São considerados níveis de determinantes psicológicos, como o nível operacional (operações motoras, objetivos e processos psíquicos), nível situacional (motivos, estado psíquico, comportamento) e nível cultural (necessidade, qualidade e estilo de atividade individual).

Sobre isso, afirmam Brandão et al (2000):

Com base nos modelos e descritos psicológicos da carreira esportiva, podem ser formuladas recomendações para atletas, treinadores, pais

de atletas e todas as outras pessoas envolvidas com esportes competitivos. Como medida aplicativa deste estudo foi criado o Sistema de Acompanhamento Psicológico da carreira esportiva. Usando o Modelo Geral de Acompanhamento Psicológico da Carreira Esportiva, é possível criar modelos mais detalhados para cada etapa da carreira esportiva e modelos especiais para os diferentes eventos esportivos.(p.52)

Ainda segundo Brandão et al (2000), Taylor e Ogilvie citados por Wylleman et al em 1999 ,chegaram a um Modelo Conceitual da Transição de Carreira entre atletas de elite. Sobre as causas de término de carreira, os autores citam o declínio na performance por conta da:

- idade avançada do atleta (o avanço da idade influência nos fatores fisiológicos, força e habilidades motoras; psicológicos, falta de motivação para treinar, pois os objetivos já foram alcançados e sociais;

- lesões (podendo produzir efeitos psicológicos e emocionais limitando a escolha de uma possível outra carreira);

- Outras motivações e interesses;

Sobre fatores relacionados com a adaptação da transição de carreira, as experiências vividas pelo atleta afetarão sua percepção de si mesmo e a importância que este dá para sua atuação influenciará na adaptação. Atletas identificam-se com a identidade que representam no esporte e muitas vezes têm dificuldades de assumir outros papéis. Os status econômicos podem influenciar.

Em relação aos recursos disponíveis para a adaptação, o fator do suporte social (família, amigos, fora do contexto esportivo) pode influenciar.

Segundo Brandão et al (2000):

(...) baseado no presente modelo, pode ser concluir que o término de carreira do esporte não necessariamente causa uma reação de “stress” negativo em parte dos atletas. A qualidade da adaptação para transição de carreira depende do passo anterior ao processo de retirada. (p.53)

Alguns outros modelos são apresentados em Barros (2008). O Modelo de Saída de papel, de Helen Ebaugh, diz sobre : 1) a afiliação passada do papel do atleta com sua identidade esportiva fará parte se sua identidade presente (como ex-atleta) e futura; 2) a própria sociedade não desiste da identidade passada da pessoa (no caso, atleta); 3) impactos da saída de papel não se restringem ao indivíduo.

Já de acordo com Drahota e Eitzen em 1998, o processo de impactos da saída de papel, estaria dividido em três estágios: a) primeiras dúvidas, onde o atleta duvida de seus compromissos e papéis, b) a busca de alternativas, c) o ponto de virada, onde se encontra identificação com novos grupos de referências e ocorre a análise da mudança de papéis, conseqüenciado por uma decisão e d) identificação do papel prévio de si e incorporação de uma futura identidade. É importante nesse modelo não se esquecer de analisar juntamente fatores de: época (em que o atleta atuou), o tipo de saída do esporte e o comportamento do atleta em relação à sua saída do esporte. (Barros, 2008)

Alguns instrumentos analisam as estratégias de enfrentamento durante transição de carreira, as causas de encerramento e identificações de possíveis atletas que terão dificuldades nesse enfrentamento.

Barros (2008) enumera alguns:

Athletic Identity Measurement Scale (AIMS; Brewer, Van Raalte, & Linder, 1993), avalia como o atleta se defineleticamente; Sport Interpersonal Relationships Questionnaire (SIRQ; Wylleman, Vanden Au Weele, De Knop, Sloore, & De Martelaer, 1995), avalia qualidade dos relacionamentos do atleta; British Athletes Lifestyle Assessment Needs in Career and Education (BALANCE) (Lavalley & Wylleman, 1999), escala para identificar atletas que possam vir a ter dificuldades na transição de carreira; Athlete Retirement Questionnaire (ARQ; Sinclair, 1990), identifica estratégias de coping utilizadas pelos atletas para lidar com a transição de carreira.(p.11)

Segundo a Federação Européia de Psicologia do Esporte e Atividades Corporais (FEPSAC), a identidade esportiva do atleta deve ser vista como a força com que o esportista identifica a si mesmo com o esporte. O reconhecimento social e o sucesso econômico fortalecem essa identificação. Terminar a carreira traria uma mudança no estilo de vida e uma nova adaptação a novos papéis sociais e profissionais (Agresta et al, 2008).

Citando Stambulova, Barros (2008) diz que na transição do auge para o final da carreira esportiva, o atleta precisa encontrar forças internas para obter resultados de alto nível, utilizando-se de sua experiência emocional e esportiva.

O atleta tem que se preparar para deixar o esporte, buscando possibilidades de novas carreiras profissionais (Barros, 2008).

Pesquisas

Na revisão de Barros (2008), algumas pesquisas e seus autores são descritas:

- Em 2002, Agresta M.; M. R. F., Rebustini, F., Cipriano, S. P., Rogov & Barros Neto, T. L. pesquisaram 10 ex- jogadores brasileiros de futebol de salão, que haviam encerrado suas carreiras no máximo há 2 anos. Tiveram como resultados: 70% não saíram do esporte espontaneamente, e as causas foram traumas físicos e relacionamento com os dirigentes. Relacionado às emoções vividas após o fim da carreira, 40% sentiram-se tristes. 20% afirmaram que ainda não haviam se adaptado ao novo estilo de vida. O questionário usado foi o ORPUS de transição de carreira, elaborado por Brandão et al, em 2000.

- O estudo feito com ex-atletas olímpicos canadenses segundo Werthner & Orlick em 1986, levaram a resultados onde os atletas que tiveram uma atividade alternativa na fase de transição, tiveram transições mais tranquilas do que aqueles que não tinham atividades desvinculadas do esporte.

- Coakley, em 1983 e Greendorfer & Blinde, em 1985, relatam que a transição não definitivamente se define em distress. Fatores de identidade apontados por McPherson, em 1980, como atletas que só tem uma identidade ligada ao esporte, a percepção de deterem o controle (que influenciaria a sensação de abandono, desmotivação e mudanças fisiológicas), e a rede social (não só do meio esportivo), influenciariam na passagem pela carreira.

- Segundo o estudo de Baillie, em 1992, com atletas profissionais, resultados mostraram que atletas enfrentam melhor a saída do esporte de acordo com: a) saíram por escolha própria, b) atingiram objetivos, c) estão prontos para continuarem envolvidos no esporte, se assim desejarem, d) possuem graduação e pós -graduação e e) estão prontos para o desligamento

De acordo com Murphy, em 1995, o esporte traz satisfação por habilitar o atleta a desenvolver e ter competência, promovendo um alto índice de motivação intrínseca, recompensa social, e possibilidades de bons relacionamentos sociais. O atleta tentará satisfazer essas mesmas necessidades ao término de carreira (Barros, 2008).

Ainda segundo a autora, em 1987, Ogilvie diz sobre a ajuda que familiares e técnicos poderiam dar se apoiassem o atleta em relação às possibilidades de

desenvolvimento pessoal e social, a longo prazo, mais do que seu sucesso a curto prazo.

Em 1993, Ogilvie e Taylor sugerem a participação em workshops e a dedicação relacionada aos estudos, aos atletas nessa fase. Isso prepararia melhor o término. O psicólogo daria assistência ao atleta na identificação de valores, interesses e objetivos, compreensão de sua identidade social e aumento de repertório (Barros, 2008).

Diz Barros (2008) que:

Em 1989, o Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC) desenvolveu um manual destinado a assistir atletas de elite na compreensão de questões importantes relacionadas ao fim da carreira esportiva e guiá-los na realização de um plano para sua carreira pós-competitiva(...) na Argentina, Roffé aponta a existência de quatro instituições do futebol que se ocupam minimamente dos ex-jogadores e outros profissionais de futebol. A Asociación del Fútbol Argentino (AFA), a Asociación de Técnicos del Fútbol Argentino (ATFA), Futbolistas Argentinos Agremiados (FAA) e Mutual del Futbolista (Casa del Futbolista). Segundo ele, a AFA investe financeiramente em parte dos ex-jogadores da Seleção Nacional que precisam deste tipo de apoio e a ATFA proporciona capacitação e formação a ex-jogadores de futebol para que se tornem treinadores. Contudo, estes acabam por enfrentar o problema da carência de mercado de trabalho. A FAA atua com os atuais jogadores de futebol e a Casa del Futbolista em 2000 não apresentava qualquer ação voltada para os ex-jogadores do referido esporte. (p.17)

Ao citar Roffé (2000), a autora diz que sem recursos emocionais, atletas fazem o uso abusivo de drogas e até chegam a cometer suicídio. (Barros, 2008)

1.4. Análise do Comportamento: Princípios Comportamentais Básicos

Segundo Matos (2000), a definição de *Comportamento*, para a presente abordagem teórica, baseia-se na noção de comportamento humano como produto de uma herança genética e de eventos ambientais que ocorrem durante a vida de uma pessoa, como fenômeno natural.

Assim, o ser humano é sensível a esses eventos do ambiente, de forma inata. É sensível ao efeito de conseqüências de seu comportamento, que podem ser reforçadoras ou não, quando emite uma resposta.

Todo comportamento é constituído pela *tríplice contingência*: resposta, algo que acontece antes da resposta (estímulo discriminativo) e algo que acontece depois, como conseqüência da resposta (estímulo reforçador). As relações entre a situação anterior na qual a resposta é emitida, a resposta e as conseqüências produzidas por essa resposta, são consideradas contingências.

Uma análise comportamental das contingências, portanto, proposta ao atual trabalho, se dá através da análise em relação aos reforçadores anteriores e posteriores ao término de carreira do atleta, a construção de novos repertórios, possíveis alterações de comportamento e quais conseqüências mantiveram esse comportamento, o que reforça certos comportamentos e assim os mantêm ocorrendo, ou seja, o que controla certos comportamentos relatados. Isso porque a conseqüência que o indivíduo obtém após emitir certos comportamentos passa a controlá-lo para futuras respostas, cuja conseqüência foi reforçadora para ele.

Comportamento Operante

Segundo Skinner (2003a) :

Muitas vezes estamos mais interessados no comportamento que produz algum efeito no mundo ao redor. Este comportamento origina a maioria dos problemas práticos nos assuntos humanos e é também de um interesse teórico especial. (...). As conseqüências do comportamento podem retroagir sobre o organismo. Quando isso acontece, podem alterar a probabilidade de o comportamento ocorrer novamente. (p.65)

Skinner inicia o capítulo de Comportamento Operante relatando sobre as *consequências* do comportamento. O organismo é sensível ao efeito de consequências, que podem ser reforçadoras ou não, quando este emite uma resposta.

Segundo o autor, não é necessário falar sobre processos interiores de pensamento. Os comportamentos se estabelecem e são controlados através das consequências que os mesmos produzem.

A palavra “*operante*” é usada para se referir a uma classe de respostas, ou seja, comportamentos semelhantes, que ocorrem com certa probabilidade. Este, então, é definido por uma determinada consequência.

Resposta é considerada uma ação do organismo, que faz parte do comportamento. Essa ação é fortalecida através do reforço, sendo esse processo chamado de condicionamento. No *condicionamento operante*, tornamos a resposta mais provável ou frequente, através de seu fortalecimento.

Um organismo é considerado *condicionado* quando um reforço acompanha outro estímulo ou segue-se ao próprio comportamento do organismo.

Por exemplo, apresentar a um organismo um alimento é um reforço para a resposta de levantar a cabeça do mesmo organismo, quando emitida. O alimento é considerado reforçador ao organismo.

De acordo com Skinner (2003a):

Agimos constantemente sobre o ambiente, e muitas das consequências de nossas ações são reforçadoras. Através do condicionamento operante, o meio ambiente modela o repertório básico com o qual mantemos o equilíbrio, andamos, praticamos esportes, escrevemos. O reforço operante faz mais que modelar o repertório comportamental. Aumenta a eficiência do comportamento e o mantém fortalecido muito tempo. (p.72-73)

Para que um condicionamento operante ocorra é necessário dispor de uma contingência de reforço. Skinner (2003a), para exemplificar, usa o exemplo de um experimento realizado com organismo faminto, ou seja, o organismo está em *estado de privação*, foi privado de alimento. O valor reforçador do alimento, em um organismo que está em privação, aumenta a frequência de resposta do organismo, resultando no reforço (alimento). Mesmo condicionado a certo tipo de resposta, o organismo não se comportará se estiver saciado em sua fome. Isso mostra a existência de um controle

em relação ao comportamento operante, o controle sobre a resposta foi somado ao controle sobre a privação de alimento.

Quando uma resposta já não é mais reforçada, diminui-se a frequência dessa resposta ocorrer. Estamos falando então, de *extinção operante*. Se o organismo não for conseqüenciado com alimento quando levantar a cabeça, esse irá parar de levantá-la.

Sobre os *reforçadores*, o autor ressalta que precisamos saber o quão reforçador é um determinado evento para o organismo. Consideramos um evento reforçador quando observamos um aumento de frequência de uma resposta selecionada. Os reforços são considerados *positivos* ou *negativos*.

Os reforços positivos caracterizam-se pela apresentação de um estímulo, ou acréscimo de alguma coisa, por exemplo, alimento, água ou contato sexual. Os reforços negativos caracterizam-se pela remoção de alguma coisa, estímulo, por exemplo, de uma luz ou barulho. Nos dois tipos, o efeito do reforço é aumentar a probabilidade da resposta.

O condicionamento operante, então, só torna-se possível se houver eventos reforçadores para um indivíduo.

Sobre isso, diz Skinner (2003a):

Em todos os campos em que o comportamento humano figura com proeminência- educação, governo, família, clínica, indústria, arte, literatura, e assim por diante- estamos constantemente mudando probabilidades de respostas ao arranjar conseqüências reforçadoras. (p.81).

Podemos avaliar a força de eventos reforçadores quando pensamos quais são as conseqüências responsáveis pelo repertório atual e pela frequência das respostas no repertório de um sujeito. Skinner (2003a) diz: “*o comportamento de associação com um determinado amigo varia conforme varia o fornecimento de reforço pelo amigo*” (p. 82).

Os reforçadores são considerados dos tipos primários, condicionados e generalizados.

Os reforçadores primários são considerados de importância biológica, como: alimento, água, contato sexual.

Os reforçadores condicionados são assim considerados, pois ocorrem no emparelhamento de um reforço primário a um estímulo neutro. Por exemplo, se toda

vez que acendermos uma luz, dermos alimento ao organismo faminto, a luz se tornará um reforço condicionado para o organismo. Assim, diante da luz o organismo já se comportará como se tivesse recebido o alimento, diretamente.

Esse tipo de reforço é considerado, ainda, produto de contingências naturais. Alimento e água, por exemplo, normalmente são recebidos depois de comportamentos precorrentes de um organismo, depois que este opera sobre o meio, criando a oportunidade de comer ou beber. Os estímulos gerados por esse comportamento dito precorrentes tornam-se reforçadores.

Reforçadores generalizados são reforçadores condicionados, porém agora, emparelhados com mais de um reforçador primário. Torna-se útil, pois não é importante a condição momentânea em que o organismo se encontra. Por exemplo, o dinheiro. O dinheiro é um reforçador generalizado, pois através dele o organismo obtém reforçadores primários. Quando usamos dinheiro como reforçador, nosso controle subsequente é independente de privações momentâneas do sujeito. Assim, os reforçadores generalizados são diferenciados por serem reforçadores independentes de qualquer tipo de privação.

Os reforçadores generalizados surgem em situações em que o comportamento é reforçado por outras pessoas. Como exemplo, temos: a atenção, aprovação e afeto.

Concluiu-se assim que o reforçador tem dois efeitos sob o organismo. Aumenta a frequência do comportamento e gera “sensações”(mudanças corporais).

Estímulos discriminativos também aumentam a probabilidade que uma resposta ocorra. Por exemplo, descrevemos a contingência quando um estímulo (luz) é a ocasião na qual a resposta de levantar a cabeça do organismo é seguida pelo reforço, alimento. A resposta do organismo de levantar a cabeça terá mais probabilidade de ocorrer quando a luz for apresentada. Skinner (2003b) diz sobre a discriminação e seu controle prático sob o comportamento: *“quando uma discriminação já foi estabelecida, podemos alterar a probabilidade de uma resposta, pela apresentação ou remoção do estímulo discriminativo.* (p.119). Assim, o comportamento operante também é controlado pelos estímulos discriminativos, não só por conseqüências.

1.5. Comportamento Verbal

Tendo em vista que o presente trabalho utilizou-se, como método de pesquisa, de uma entrevista semi-estruturada (com roteiro de apoio) e que a metodologia de coleta de dados deu-se através do método do auto-relato, e que este é um comportamento verbal, cabe então relacionarmos esse tipo de método ao conhecimento sobre comportamento verbal, importante objeto de estudo da teoria da Análise do Comportamento.

Em 1957, foi publicado um dos livros de Skinner mais importantes como objeto de estudo para a Análise do Comportamento, *Verbal Behavior*. Ao iniciar o livro, o autor determina que o comportamento verbal é comportamento operante. (Sério et al, 2004).

Segundo Sérgio et al (2004), os mesmos conceitos elaborados para o comportamento operante são válidos para a análise do comportamento verbal. O que ocorre nas relações operantes (reforçamento, discriminação, extinção) também ocorre quando o comportamento operante for verbal.

O comportamento verbal se caracteriza por estabelecer com o ambiente uma relação indireta e não-mecânica, alterando primeiramente, outro homem. Esse comportamento acontecerá somente por meio da mediação de outros, sendo definido por um comportamento que é reforçado por meio da mediação de outras pessoas. A pessoa, dita como mediadora, terá sido treinada para tal, através de uma preparação sistemática. Para que a resposta operante seja considerada verbal, essa tem que ser fortalecida pela reação de outra pessoa e produzida em um ambiente verbal, mantendo-se assim em sua frequência.

Ainda, segundo Sérgio et al (2004), diferentes formas de resposta como: gestuais, produção de sons ou manipulação de objetos, que não se tratam apenas de respostas com formas vocais, poderão ser ou não comportamento verbal, dependendo de sua relação com o ambiente. Assim, para se estudar o comportamento verbal, é preciso estudar a tríplice contingência, as relações entre a situação na qual a resposta é emitida, a resposta e as conseqüências produzidas por essa resposta.

No comportamento verbal, o primeiro efeito da resposta recai sobre o ouvinte. Dentre as condições antecedentes que controlam tais respostas verbais, sempre estará presente uma audiência, ou seja, um ouvinte que possibilitará com que o

comportamento verbal ocorra. Sobre isso, diz Skinner: “*Comportamento verbal usualmente ocorre apenas na presença de um ouvinte. Quando o falante está falando para si mesmo, naturalmente, um ouvinte está quase sempre presente* (SKINNER apud Serio et al ,2004, p. 128).

Ao classificar as contingências que descrevem o comportamento verbal, Skinner nomeou como operantes verbais seis operantes, esses são: mando, tato, ecóico, textual, transcrição e intraverbal. (Sério et al, 2004).

Como citado anteriormente, o método do auto-relato (usado no atual trabalho) permite ao entrevistador obter informações sobre o entrevistado, em situações onde os dados observacionais já não estão mais disponíveis, como no caso do estudo da história de vida ou comportamento de uma determinada situação do sujeito.

Para um analista do comportamento, lidar com dados, no caso, comportamentos, que não podem mais ser observados diretamente quando emitidos no ambiente pelo sujeito, e que dependem portanto, apenas do comportamento verbal, é um ponto de dificuldade.

Pergher (2002) retrata essa dificuldade ao comentar se é possível saber se o cliente está falando a verdade, em um ambiente de terapia, por exemplo. A terapia lida diretamente com o relato verbal. Surge assim a dúvida se o que é relatado retrata a realidade ou não.

O terapeuta também não tem acesso direto aos eventos relatados pelo cliente, assim como o entrevistador em relação ao entrevistado. Tomamos como dados então, o relato verbal, entendendo que este está sob controle de alguns estímulos, como o tato.

Tato, considerado um dos operantes verbais, pode ser definido segundo Skinner: *Um tato pode ser definido como um operante verbal, no qual uma resposta é evocada (ou ao menos fortalecida) por um objeto ou evento particular, ou por uma propriedade de um objeto ou evento* (SKINNER apud Pergher, 2002, p. 110).

Quando falamos de tato, a resposta verbal está sob controle da situação antecedente que está sendo descrita. (Pergher, 2002)

Ao usar um instrumento, no caso, um roteiro de apoio à entrevista semi-estruturada, possibilitamos que as perguntas do roteiro sirvam como estímulos verbais antecedentes que controlarão o comportamento do entrevistado de responder verbalmente. As perguntas (Sds) do entrevistador evocarão tatos verbais do entrevistado, como a auto-observação ou descrição, por exemplo, juntamente a estados

corporais (sentimentos). A resposta do entrevistado assim, servirá novamente como novos Sds que controlarão uma nova pergunta do entrevistador. Quanto mais perguntas, mais fatos extensos e descritivos sobre as contingências são emitidos pelo entrevistado. (Guilhardi)

O entrevistador será então a audiência, o ouvinte que possibilitará a emissão do comportamento verbal, por parte do entrevistado.

Skinner exemplifica a audiência como estímulo discriminativo:

Uma audiência, então, é um estímulo discriminativo na presença do qual o comportamento verbal é caracteristicamente reforçado e na presença do qual, portanto, ele é caracteristicamente forte.

(SKINNER apud Serio et al, 2004, p.129).

Assim, ainda de acordo com Pergher (2002), descrições de relatos verbais fidedignos da realidade facilitariam. Relatos precisos seriam uma fonte de dados segura em relação à realidade. Isso ajudaria a tornar mais rápido a análise das contingências controladoras e mantenedoras dos comportamentos.

Ainda segundo o autor, há a interferência de variáveis (eventos antecedentes e consequentes) que influenciam na precisão dos relatos verbais. O relato do falante pode ser um relato que esteja sob controle do que o ouvinte queira ouvir, ou então, ao relatar tal situação, o falante recebe atenção do ouvinte.

Conclui-se que o analista do comportamento não terá o controle de uma pesquisa experimental, por exemplo, em uma terapia ou entrevista, pois não se trata de um setting controlado. Não teremos a certeza do relato, pois não temos acesso às situações que são relatadas (no momento em que ocorreram).

A solução para esse ponto de dificuldade, seria então, usar o relato verbal como ferramenta, para chegar às contingências, que são o objeto de investigação.

1.6. Análise do Comportamento aplicada ao Esporte

Segundo Pierro et al (2010), a abordagem da análise do comportamento relacionada à área do esporte de acordo com as publicações de pesquisas, tem 40 anos.

No Brasil, as publicações da aplicação na área são do final da década de 1990.

Como já citada, a autora Souza (2003) relata que a origem da psicologia do esporte se deu nos laboratórios de psicologia experimental. Fazendo referência aos estudos dessa época inicial diz Souza (2003):

Fitz, em 1895, estudou o tempo que um indivíduo levava para tocar, com precisão, um objeto, quando era apresentado repentinamente em uma posição inesperada. Seu objetivo era investigar a diferença entre as pessoas para fazer coisas que requerem velocidade e precisão, como tênis e na esgrima. Ttiplett, em 1898, investigou o tempo de ciclistas na presença de outros ciclistas (competições), em situações nas quais corriam contra o relógio ou com um padrão e constatou que os ciclistas conseguiam um melhor desempenho na presença de outros competidores. Finalmente, Cummis, em 1914, avaliou “o efeito da prática de basquete sobre as reações motoras e sobre a atenção” (p.163).

De acordo com Cillo (2000): *a análise do comportamento aplicada ao esporte pode ser compreendida no âmbito do behaviorismo radical, fundamentado por B.F. Skinner. (p.87).*

Sobre o behaviorismo radical diz Skinner:

(...) não insiste na verdade por consenso e pode, por isso, considerar os acontecimentos ocorridos no mundo privado dentro da pele. Não considera tais acontecimentos inobserváveis e não os descarta como subjetivos. Simplesmente questiona a natureza do objeto observado e a fidedignidade das observações.

A posição pode ser assim exposta: o que é sentido ou introspectivamente observado não é nenhum mundo imaterial da consciência, da mente ou da vida mental, mas o próprio corpo do observador (SKINNER apud Cillo, 2000, p.87).

Cillo (2000) relata que o objeto de estudo da abordagem, o comportamento, pode ser mensurado. Segundo o autor, até o final da década de 1960, as pesquisas relacionadas à ciência do comportamento referiam-se a uma prática experimental, em laboratórios. Depois, os estudos ganharam outros locais de realização, como escolas e

hospitais. Os próprios analistas do comportamento passaram a atuar com diversas populações, usando-se da técnica experimental.

Assim, a análise do comportamento aplicado ao esporte, é baseada na metodologia experimental e utiliza-se da mensuração dos comportamentos de profissionais do esporte (atletas, técnicos).

Sua aplicação visa a melhorar desempenhos esportivos e interação, tornando a prática esportiva mais interessante, ou seja, mais reforçadora.

Citando estudos de Martin e Hrycaiko de 1983, Cillo (2000) comenta que analistas do comportamento aplicam os princípios comportamentais básicos (reforçamento, extinção) para desenvolver certos aspectos como: estratégias de análise de comportamentos (posicionamento dos pés para um lance livre de basquete); técnicas de instrução (“feedback” individual descritivo dos movimentos executados com reforçamento positivo de acertos); estratégias de reforçamento para manutenção de desempenhos esperados (atleta como modelo para outros atletas)e técnicas de generalização programada para novos ambientes(generalização de desempenhos de treinos para competições).

O autor Garry Martin da Universidade de Manitoba, no Canadá, é citado por Cillo (2000) por ser um autor de muitas publicações sobre esporte, em análise do comportamento.

Em revisão de literatura sobre Martin, são apontadas duas vertentes de trabalho da aplicação da análise do comportamento, desde o início de seu desenvolvimento: a educação física visando a formação de técnicos e professores(utilizando-se de técnicas comportamentais no trato com alunos e praticantes, reforçamento positivo e a não utilização do controle aversivo) e o esporte com praticantes, atletas e equipes(tornar o ambiente da prática mais reforçador, desempenho e motivação). Trabalhos de reabilitação, saúde (obesidade e diabetes) e aprendizagem, também têm sido explorados.

Martin com base na revisão feita por ele propõe o treinamento comportamental efetivo (aplicações e avaliação contínua de estratégia de treino). Esse comportamento efetivo caracteriza-se por: a) medida detalhada da “performance” atlética e avaliação das mesmas quanto a sua efetividade; b) distinção entre desenvolver um novo comportamento e manter um já existente, ou seja, motivá-lo através de procedimentos; c) automonitoração de performance, do próprio atleta, para que este se compare consigo mesmo; d) uso de procedimentos de modificação de comportamento, por

parte dos técnicos; e) focar o comportamento do técnico, não só do atleta, para que este também seja monitorado por si próprio, em seu treinamento enquanto técnico; f) envolvimento dos próprios atletas para estabelecerem objetivos e na avaliação de resultados.

Em relação ao desenvolvimento de trabalhos no esporte, em análise do comportamento, Martin, em 1992, relata que os trabalhos se concentraram em: desenvolvimento de habilidades, aumento da frequência de comportamentos de práticas (treino), diminuição de comportamentos-problema em ambientes esportivos, habilidades de gerenciamento de avaliação e desenvolvimento de comportamento para a utilização de técnicos e preparação para competição. Também técnicas que desenvolvem o autogerenciamento e monitoração de comportamentos, pelos próprios atletas, relaxamentos, práticas encobertas, auto-instrução, treino sob condições simuladas e “checklists “de performance. (Cillo,2002).

Cillo (2000) relata exemplos de técnicas usadas na área. Cita o artigo de Patrick e Hrycaiko, de 1998, em que os autores descrevem o uso da prática encoberta. Neste houve: visualização, relaxamento, auto-instrução e estabelecimentos de objetivos. As técnicas foram aplicadas em três triatletas e um corredor de elite, visando melhorar suas marcas, em 1,600 metros de corrida. Foi aplicada uma linha de base múltipla e concluíram que os resultados melhores das marcas, deram-se pelo uso da técnica.

O artigo de Ziegler, de 1994, descreve um procedimento de treino de atenção em relação ao passe do futebol, feito em etapas. Na primeira etapa, quatro sujeitos passaram por um treino de atenção e adaptação ao procedimento em laboratório e depois foram para o campo. Isso resultou na melhora de desempenho em relação à execução correta de passes.

Cedra e Sérgio (2008) publicaram um artigo sobre o treinamento do lance livre no basquetebol. No estudo, os autores relatam que a média de acerto nesse tipo de lance tem sido inferior a 70% de acerto. Utilizaram-se então, de um novo método de treinamento de técnicas de mudanças gradual e progressiva das alterações nas especificações dos materiais utilizados nos treinos (diâmetro do aro e altura da cesta). 12 atletas foram submetidos à linha de base e intervenção através do procedimento de *fading*. Tiveram como resultados melhoras nos lances e comprovaram assim, que a simples repetição da habilidade de arremessos de lances livres na cesta, sem uma intervenção, não muda o desempenho do número de acertos.

Diz Cillo (2000) sobre a compreensão da ciência do comportamento na contribuição ao esporte:

Encarando as ações motoras e os eventos privados (pensamentos, emoções, etc.) como comportamentos, passamos a preocupar-nos com seus agentes de controle e a forma como o exercem. Um primeiro passo é analisar as contingências em que os praticantes estão envolvidos para entender o que está controlando seus desempenhos (inclusos os encobertos) para, em seguida, propormos um rearranjo de contingências, quando necessário, que permita relações saudáveis entre os envolvidos e um rendimento otimizado quaisquer que sejam os objetivos dos praticantes. Esse rearranjo de contingências muitas vezes pode significar transpor os comportamentos dos praticantes de um controle coercitivo para uma outra forma de controle que não produza os efeitos nocivos de coerção (p.97).

2. Método

Conforme apresentado, o presente trabalho tem como objetivo investigar como um ex-atleta considerado de alto nível experienciou a aposentadoria da carreira esportiva e quais foram as consequências relacionadas à vivência desse processo de término de carreira esportiva.

Foram investigadas questões como: a) emoções sentidas nessa fase; b) se houve uma preparação para finalizar a carreira levando em conta a nova vida pós-esporte; c) o que caracterizou o término; d) apoio social, familiar; d) busca de novas profissões; e) novas atividades; f) busca por outros papéis que não o da identidade que representou no esporte, analisadas através da ótica da Análise do Comportamento.

Isso porque leva-se em conta que o processo de transição de carreira esportiva, quando diz de seu encerramento, abrange questões como: a carreira esportiva é curta quando comparada a outras carreiras, a dedicação para ser um atleta de alto nível é grande podendo resumir o esporte como principal ocupação de sua vida, a aposentadoria pode gerar situações de estresse e crise de identidade, a perda da fama pode influenciar em uma má adaptação assim como a mudança econômica. A fase do término de carreira esportiva requer do ex- atleta ajustamentos em relação a sua vida ocupacional, financeira, psicológica e social. (Brandão et al, 2000).

O presente projeto visa contribuir para a atuação do psicólogo do esporte, no campo de transição de carreira esportiva, fornecendo dados que ajudem no processo de planejamento e ajustamento da carreira pós- atlética e na construção de programas específicos desenvolvidos para o enfrentamento dessa fase de transição.

Participante

Um ex- atleta de futebol de alto nível, sexo masculino, com idade de 42 anos.

Graduado em Educação Física, com especialização em Curso de Treinador Paulista.

Casado. Atualmente, como profissional, é treinador e empresário.

Foi critério para a escolha do participante, este ter feito carreira profissional no esporte, obtido reconhecimento da mídia enquanto profissional, ter encerrado sua carreira profissional como atleta , configurando-se em um ex-atleta aposentado, podendo ser de qualquer modalidade do esporte.

O participante foi apresentado por um amigo que trabalha no mesmo local de trabalho que o participante. Foi avisado dos critérios de escolha para participar da pesquisa e enquadrou-se perfeitamente nos critérios descritos acima.

Na apresentação dos dados de entrevista, não será declarado o nome real do participante, usando-se de um nome fictício, para que seja preservada a identidade do mesmo como atleta.

Material

Local: Os dados foram coletados em um Clube Esportivo, local atual de trabalho do participante, como treinador.

Instrumento de coleta: Optou-se pela realização de uma entrevista semi-estruturada, com um roteiro de apoio, previamente estabelecido (Anexo 1) como método de coleta de dados e também pela realização de uma pesquisa qualitativa, que procurou investigar quais as contingências vividas após o encerramento da carreira do ex-atleta.

Procedimento

Essa investigação das contingências pode ser feita através de possíveis análises em relação aos reforçadores anteriores e posteriores ao término de carreira, a construção de novos repertórios, as possíveis alterações de comportamentos e quais as consequências que mantiveram esse comportamento, possíveis estados de privação, fundamentados pela abordagem da Análise do Comportamento.

Sobre o comportamento, diz Skinner (2003a): *as consequências do comportamento podem retroagir sobre o organismo. Quando isto acontece, podem alterar a probabilidade de o comportamento ocorrer novamente.* (p.65).

A metodologia de coleta de dados escolhida é a do método do auto-relato, onde a abordagem da pessoa entrevistada acontece diretamente. Esse método é muito usual em entrevistas. Segundo Barker (1994), a vantagem desse método é que ele possibilita ao entrevistado perceber seus pontos de vista de uma forma direta e possibilita o acesso aos próprios dados de percepção de si e do mundo. O auto-relato permite o entrevistador obter as informações em situações onde os dados observacionais não

estão mais disponíveis, como no caso do estudo da história de vida ou comportamento de uma determinada situação do sujeito. Este também pode-se valer do *rapport* estabelecido com o entrevistado para esclarecer respostas , aprofundar em conteúdos e investigá-los(os que não foram mencionados).

A entrevista foi realizada após a assinatura e explicação do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo2) e utilizou-se um gravador, permitido pelo participante.

A análise comportamental das contingências, portanto, se deu através da investigação em relação aos reforçadores, repertórios e as possíveis alterações de comportamento, analisando as conseqüências que as mantiveram.

3. Resultados

Paulo vivenciou longos anos de carreira no futebol. Constituiu-se como atleta de alto nível, jogando por diversos times nacionais e internacionais.

Começou a jogar futebol aos 8 anos de idade, no clube 1, onde seu pai trabalhava. Sobre sua história no futebol, diz: *“a minha história no futebol foi muito bonita e continua sendo bonita.”*

Aos 12 anos, começou a jogar pelo time amador 2, onde disputou sua primeira Copa, a Copa Pelé. A Copa contava com muitas equipes grandes como Corinthians e Palmeiras. A partir dessa disputa, foi negociado do time 2 para o time 3, em outro Estado. Diz: *“foi coisa importante porque na época não tinha esse tipo de negociação”*.

Jogou 5 vezes pela Seleção Brasileira, sendo duas das vezes na equipe Juvenil e 3 na equipe de Juniores. Nessa passagem pela seleção, conheceu vários países.

Dos 16 para 17 anos, foi para o time 4, aonde substituiu um jogador da época que hoje trabalha nas categorias de base do time do Palmeiras.

Dos 17 aos 19 anos diz que: *“começou a andança, onde fui adquirindo muita experiência”*. A partir dessa época, atuou em cerca de 16 times brasileiros e 2 times do exterior.

Ressalta que aos 20 anos, já tinha passado pela Seleção Brasileira e já conhecia muitos países diferentes. Dos 20 anos para os 21 anos, diz que: *“já era amadurecido. Tinha pouca idade mais com muita experiência.”*. Conta que jogar fora, no exterior, foi muito diferente por ser outra cultura e diz: *“não é só o aspecto financeiro, não é vida fácil. Tem que ter tudo que gosta por perto, eu sempre fui muito família”*. Tinha sempre por perto sua família nesse período. Relaciona isso com o fato de ter conseguido ficar por 4 anos jogando no exterior. Uma vez por ano podia visitar sua família, no Brasil.

Depois retornou para o Brasil, negociado com um jogador que foi para o exterior enquanto Paulo veio para o time 4. Conta que não tinha empresário. Seu pai era quem sempre tomou conta de sua carreira, por ter sido ex jogador também, o pai já tinha experiência no ramo. Afirma que tudo que conquistou foi em família.

Foi jogando pelo time 5 que conheceu sua esposa, com quem é casado até hoje, resultando muitos anos de casado. O casal tem dois filhos.

Relata que tudo que conseguiu em sua carreira deve aos seus pais, a Deus e à sua família, que foi quem deu a base estrutural para ele ser o que é hoje:

“Sou um grande homem, uma grande pessoa, grande pai de família e grande educador, acho que não tem dinheiro que pague. O restante vem com conquista, trabalho. Se você tiver uma base estrutural e família, conquista os objetivos da vida.”

Depois de casado, sua esposa o acompanhou em todos os Estados em que ele foi jogar. Sobre isso, valoriza: *“estando com seu alicerce, em todos os momentos, facilita”*.

Quando o seu primeiro filho nasceu, estava em outro Estado, no time 6. O técnico famoso na época, o liberou para ver o parto do filho em São Paulo. Conta que no mesmo dia, retornou novamente para o Estado e jogou no domingo. Assim, relembra:

“Aonde eu fui, eles foram junto, isso que me ajudou a ter conquistas, conseguir êxito nos campeonatos, sempre escolhido como melhor da posição, sempre bem fisicamente, sem nenhuma lesão.”

Em relação à sua rotina de trabalho no futebol, diz:

“Para quem está de fora não imagina como é. É muito bom e prazeroso tudo que você faz com determinação vontade e carinho, principalmente com profissionalismo é bom. Mas é uma rotina cansativa”.

Conta que treinava direto de segunda-feira a sexta-feira. Jogava normalmente de quarta-feira e domingo ou no sábado. Assim, treinava na terça-feira e viajava para jogar quarta-feira. Na quinta-feira e sexta-feira treinava, para no sábado, viajar e jogar no domingo. Tinha apenas uma folga, de segunda- feira, relatando que era o dia em que todos estavam trabalhando, menos eles, jogadores.

Sobre ser jogador, relata:

“É muita quilometragem de ônibus, viagens e aeroportos. Viagens de 6 a 8 horas. O jogador não é só qualidade. É técnica e tem que ter a cabeça concentrada, muita dedicação em tudo o que faz. Nos treinamentos, se não, não aguenta. É uma vida totalmente diferente do que a mídia e TV passam. O jogador tem que estar focado em tudo que faz. Pra ser um excelente jogador, não basta ser bom só dentro do campo, tem que ser melhor fora do campo. Porque tudo que fizer se não tiver bem focado, determinado, não vai conseguir o objetivo, que é ser alguém no futebol.”

Fala sobre uma vida de muita dedicação e tendo que gostar do que faz, para alcançar o alto nível: *“No futebol, 95% são dubles do futebol e 5% são artistas, todos os dias tem que buscar o lugar ao sol, batalhar”.*

Já na fase de trajetória final de sua carreira, ficou por três anos em um Estado, jogando pelo time 7 e pelo time 8, pela série B do Campeonato Brasileiro. Relata sobre uma adaptação difícil nessa região, por conta da temperatura alta. Porém, valoriza o aspecto profissional também relacionado ao conhecimento que alcançou de culturas diferentes. Diz: *“O futebol não só me deu o aspecto financeiro, mas uma base de cultura muito alta que é importante, até nesses aspectos sempre valorizei bastante”.* Desse Estado, voltou para São Paulo, para o campeonato Paulista, jogando pelo time 8, entre os anos de 2002 e 2003, retornando novamente ao Estado anterior dizendo que: *“fiz um trabalho tão bom que retornei, o jogador paulista é mais valorizado lá. Foi um que me acolheu bem e deu condições de trabalho”.*

Em relação à fase de término, sua aposentadoria como atleta de futebol, diz que: *“pude realizar um sonho. Iniciei o futebol na minha cidade natal e também finalizei minha carreira na cidade em que nasci!”*

Relata sobre um preparo para o término de sua carreira e também para a vida pós-esporte. Quando parou de jogar, tinha estruturas suas já montadas, de futebol, para alunos dos 4 aos 16 anos. Diz: *“eu já tinha minhas estruturas montadas do futebol. Para alunos de 4 a 16 anos, society e campo. Eu quis já no decorrer da minha carreira, dar uma seqüência, paralelamente, dentro mesmo do futebol”.*

Conta que seu último jogo foi em 2007, jogando pelo time 9, por um campeonato nacional muito visado, contra um time famoso, no estádio de sua cidade natal. Naquela ocasião, se o time pelo qual atuava ganhasse do outro time, este

segundo, cairia para a segunda divisão do mesmo campeonato. O jogo foi televisionado e o time em que jogava acabou perdendo e caindo para a segunda divisão.

Relata que para ele foi uma passagem maravilhosa, até porque, seus amigos e familiares estavam presentes no dia do encerramento, já que tinha decidido ser o último jogo de sua carreira.

Sobre as emoções vividas nessa fase de término, diz que: *“a partir do momento que você já tem a consciência e estrutura para saber do começo meio e fim, tudo fica mais fácil”*. Completa dizendo ter tido sempre essa consciência do fim.

Sobre a causa para parar de jogar futebol, conta:

“Eu como jogador mais experiente e mais velho não ia mais dar retorno financeiro para os times e os times também não iam ter retorno nenhum comigo. Iam ter que me pagar em dia, eu como jogador experiente não ia ficar sem receber. Então resolvi paralisar o aspecto prático e dar um seguimento a outra coisa”.

Explica que o futebol moderno já estava vivenciando outra realidade, que era a de investir em garotos novos, pagando pouco, para ganhar muito. Sobre isso, Paulo afirma: *“já não ia se enquadrar na minha filosofia de trabalho e nem no meu pensamento. Eu já tava me enquadrando no aspecto de formar jogadores”*.

Sobre o encerramento, relata que:

“A pessoa que sempre viveu e gosta de fazer o que é a prática do futebol é duro para encerrar. Não vão ter mais as brincadeiras em concentração, viagens, a rotina, o dia a dia mesmo, que é diferente de qualquer outra pessoa. Porém já tinha isso em mente, já tinha minha situação de estrutura montada, funcionando. Eu ia me desligar do profissionalismo, mas não ia deixar de fazer o que gosto e que faço até hoje, que é comandar, educar, e especializar no dia a dia do futebol moderno, passar para meus alunos e formar jogadores”.

Como situação profissional, atualmente, há 8 anos possui duas estruturas de futebol, núcleo de formação de atletas. Formam como jogadores de futebol, crianças de 4 a 16 anos. A prioridade é levar os atletas de potencial para o time profissional de sua cidade natal e depois Paulo tem a liberdade de negociar com outros times em que jogou. Diz:

“18 times, 18 anos de carreira. Hoje tenho 8 anos dentro do meu trabalho de formação de jogadores, alcançando objetivos, sempre educando e resgatando jogadores. Muitas vezes, é meu aluno, mas eu já considero como homens. Tiro do lado errado da vida e faço esse papel que me deixa muito satisfeito. Com certeza, futuramente, vou ter grande parcela de contribuição na vida deles.”.

Diz que já realizou negociações de um jogador de 19 anos, formado em seu núcleo, que está hoje no Grêmio de Porto Alegre. Diz: *“saiu aqui, da minha estrutura, e isso nos deixa muito honrados”.*

Logo que encerrou a carreira, começou a atuar no seu novo projeto. Até teve a oportunidade de voltar a jogar profissionalmente pelo time 10 e pelo time 11, em um momento que foi procurado por vários times. Relata:

“Eu parei em condições físicas e psicológicas totalmente positivas, estava bem, em todos os sentidos. Só estava com uma idade avançada. Porque aqui no Brasil, o jogador passou dos seus 30, 31 anos, já é considerado jogador velho, coisa que na Europa não”.

Assim, deu fim a sua carreira aos 37 anos de idade e diz que estava em condições de dar continuidade na prática no futebol:

“(…) mas eu, particularmente, tinha focado que já estava bom, porque eu podia ter desgaste, coisa que eu nunca tive no futebol profissional. Desgaste prático, mais principalmente, no aspecto de teoria, com dirigentes ruins, com maus treinadores, por exemplo. Muitas vezes, nós que vivenciamos aspectos positivos do futebol e que, deixamos

portas abertas em todos os lugares em que passamos, poderíamos nos desgastar e nos prejudicar, então parei de uma maneira positiva da mesma maneira que comecei”.

Diz que obteve satisfação durante a carreira: *“gostava da vida, que foi sempre isso. Plantei para colher”*. Diz fazer o que sempre quis : *“estar em campo e jogar meu futebol”*.

Durante sua carreira, buscou autonomia e investimento fora ao contexto esportivo. Fala que se preocupou em exercer a prática do futebol enquanto seu pai, como empresário, cuidava dos aspectos financeiros de sua carreira. Foi muito focado no que sempre quis fazer, isso que dava a base para aumentar seu capital. Comprou seu próprio passe aos 20 anos. Isso porque, ressalta que: *“os empresários esquecem que o artista é o jogador”*. Guardou dinheiro. Fazia de dois a três contratos ao ano, como relata: *“era dono da minha situação, junto com meu pai. Trabalhei e recebi direito, coisa que é difícil receber hoje, no futebol moderno, em que se trabalha e não recebe”*. Diz que o dinheiro é uma consequência que pode levar para situações positivas: *“se colocar o dinheiro na frente de tudo, ele te dá e te tira com facilidade. Quando você for ver, perdeu tudo. Prestígio, respeito, identidade, você mesmo não se reconhece mais. Os falsos amigos não estão mais do seu lado”*.

Sobre sua relação com a mídia, uma vez que era um jogador reconhecido, diz que os jogadores têm que saber lidar:

“Sem a mídia você não é ninguém. Em um minuto você é colocado como herói e em um segundo como vilão. O jogador que trabalha e se dedica, não dá margens para as coisas erradas. Você, como jogador, pode sair, tomar uma cerveja, mas tem que saber o lugar que vai. Jogador é pessoa pública, diferente dos outros. A mídia quer situações de notícia. Nunca me atrapalhou, porque sempre fui correto, profissional e não deixei brecha para isso”.

Sua rotina hoje é baseada em treinar uma turma de manhã e uma à tarde, do seu núcleo de formação. Tem alguns auxiliares que o ajudam. Todos os dias, de segunda-feira a sexta-feira, treina as crianças divididas por categorias. Aos sábados, participa de campeonatos de campo e aos domingos de society.

Além de ser professor e educador, como ele mesmo relata , diz que é empresário e tem um trabalho paralelo de formar o jogador e levar para os clubes que passou, onde afirma:

“Tenho a porta aberta em todos. Felizmente, a gente foi muito profissional e é em tudo que faz. Fiz muitos amigos. Em tudo que faço sou bem recebido, então hoje, tenho a oportunidade de levar jogadores para avaliação nos outros times”.

Sobre seu meio social da época, em relação à atualidade, relata que não perdeu o contato com colegas. Diz que a grande maioria de ex jogadores trabalha hoje no campo do futebol, como treinadores de categorias de base, empresários, em times profissionais. Diz:

“A gente que trabalha no seguimento tem que ver se o outro está precisando de jogador. Assim nos relacionamos de uma maneira que não é mais prática, mais através de uma teoria. Muitos amigos, ex jogadores, necessitam de um jogador novo, ou experiente e assim facilitamos o trabalho”.

Em relação à sua profissão atual, diz que:

“Primeiro formo o caráter, depois o jogador. Incentivo primeiro a escola, o estudo. Porque o futebol vai começar e terminar uma hora e o estudo não. É para o resto da vida. Essa é a minha preocupação atual no futebol.”

Sobre suas atividades, conta ter apenas parado um pouco de estar ausente de casa. Diz:

“(…) porque com concentração e viagem ficava fora de casa. Mas hoje, consigo fazer tudo que sempre sonhei. Levantar cedo, levar os meus filhos na escola. Dar o café da manhã para eles. Às 8h00 horas começo com a primeira turma na escola de futebol e vou até às 11:00 horas. Volto para casa, busco meus

filhos, dou almoço e levo um para natação e o outro para a escola de artes, aonde ele faz violão. Meu filho também faz cavaquinho, natação e joga futebol também, claro, desde os 4 anos que está comigo. Filho de peixe não é?!”.

Consegue estar presente no dia a dia com os filhos, tem oportunidade e tempo. À tarde volta para sua rotina profissional de treinamento, das 14:00 horas às 17:00 horas. Treina as categorias menores. Conta:

“E o dia a dia não para. Aos sábados tenho o campeonato de campo e domingo campeonato society do jornal da cidade que patrocina. Fico das 13h30 até as 17h30. A vida continua corrida, mais é uma vida mais prazerosa aonde faço o que gosto. Graças a Deus continuei não no profissionalismo, mais continuei fazendo o que gosto de uma maneira profissional e passando coisas positivas da vida, porque acho que o aprendizado da vida é o dia a dia. Então já tive uma grande história e escola de vida muito boa que foi no passado e agora estou vivenciando o presente através da modernidade do futebol, passando para eles, para que possam ter objetivos alcançados, não importa, independente do futebol, mas na vida.”

Paulo se especializou, depois que finalizou sua carreira, como treinador. Fez curso de treinador paulista, pela Federação Paulista Nacional e Internacional de Futebol. Fala sobre:

“O técnico Muricy, que já tinha sido meu treinador, foi meu professor, junto ao Nelsinho, Luxemburgo, Leão, vários treinadores de renome que me deram uma base muito boa, então já tinha mais ou menos focado nesse aspecto, parar de uma maneira que eu tivesse satisfeito de tudo que eu pude dar para o futebol e também receber.”

Sobre os planos para o futuro, relata a vontade de ser técnico:

“Se eu te falar que a gente não almeja ser técnico, pela minha carreira que foi uma carreira brilhante, de vários times grandes, se eu te falar que não tenho esse sonho... Eu tenho sim e estou em busca. E eu quando sonho, consigo”.

Coloca que assumiria essa atuação, desde que tenha condições de trabalho, como: estrutura, salário em dia. Diz:

“Eu sou hoje uma pessoa reconhecida em toda lugar,tenho as portas abertas em todo lugares que passei. Conhecimento com todos os treinadores de renome, base de conhecimento na prática e teoria. Dá para começar a dar seqüência como treinador, em qualquer outro time.”

Relata ser difícil ser técnico nos tempos de hoje, porque a cobrança é em cima do treinador e não só dos jogadores.

“O treinador para cobrar dos jogadores e cobrar dos dirigentes, tem que ter respaldo positivo e dos jogadores, para depois ele não se desgastar. Lidar com jogador não é fácil. O tempo me deu a experiência de saber o que eu quero ou não. Quando surgir a real proposta, estou pronto. Todos os meus objetivos, tudo que passei, passei de uma maneira transparente e correta, sempre deu certo. Se aparecer a oportunidade, além das minhas estruturas funcionado vou ser mais um espelho para quem quer chegar lá. Porque o treinador deles, comandante, estará em um time grande, isso é muito importante, ser um espelho positivo para meus alunos de hoje. Eu já fui espelho como jogador e agora como treinador. Hoje eu posso passar o que foi a realidade do futebol para meus alunos”.

Por fim, sobre a atuação de psicólogos na área do esporte, enquanto jogou futebol disse que:

“Na época não existia nada de agora, academia, nutricionista, musculação. No começo não tinha psicólogo, não, nada.

Depois, nos times que já tinham uma estrutura, com a modernidade, tinham o serviço. Para certos jogadores tinha que ter uma psicóloga acompanhando, porque envolve muita coisa, dinheiro, carreira, fama. O jogador que não tiver estrutura para agüentar a fama vai se perder, e o final é triste. Conheço muitos amigos que tiveram tudo e que não tem mais nada. Aquela fantasia, ilusão, acabou. Teve dinheiro, mulheres, todos restaurantes, tinha essa condição, não viu que o tempo tava passando muito rápido e não soube guardar dinheiro. Não soube comprar uma casa, comprar uma situação de futuro, só gastavam com carros importados, jóias e hoje sofrem na pele o que perderam”.

Análise Comportamental

Uma análise comportamental das contingências se dá através da análise de: 1) a construção de novos repertórios; 2) reforçadores anteriores e posteriores ao término de carreira do atleta; 3) possíveis alterações de comportamento e quais consequências mantiveram esse comportamento e 4) o que reforça certos comportamentos e assim os mantém ocorrendo, ou seja, o que controla certos comportamentos (Reforço Social).

Isso porque, a consequência que o indivíduo obtém após emitir certos comportamentos passa a controlá-lo para futuras respostas, cuja consequência foi reforçadora a ele.

Repertório

Fica evidente, quando falamos de transição de carreira esportiva, que estamos nos referindo a algo que vai acontecer definitivamente na vida de um atleta. Diferente de outros profissionais, a carreira de um atleta tem um prazo curto para terminar. Este, considerado de alto nível, viveu longos anos no mesmo ambiente, esportivo, desde a infância, passando por processos de treinamentos rígidos e dedicando a maior parte de

sua vida ao esporte, podendo ter assumido o esporte como principal ocupação de sua vida. A aposentadoria pode gerar então, situações chamadas de “stress”.

A vivência de Paulo no esporte relaciona-se com a descrição acima, sobre a transição de carreira esportiva. Este começou a jogar futebol desde a fase da infância e atuou no esporte, já considerado atleta de alto nível, 18 anos de sua vida. Encerrou sua carreira aos 37 anos de idade, idade essa, que em outras profissões, o profissional está em ascensão na carreira. O esporte foi sua principal ocupação de vida, vivendo até uma parte de sua carreira, no exterior, por 4 anos.

Em termos de repertório, fica claro que o participante viveu por longos anos em um mesmo ambiente.

Quando falamos em repertório, consideramos os comportamentos operantes emitidos pelo sujeito, ou seja, comportamentos semelhantes, que ocorrem com certa probabilidade em um determinado ambiente.

Em relação ao ambiente, o ser humano é um organismo sensível aos seus eventos, de forma inata. É sensível ao efeito de conseqüências de seu comportamento que são emitidas nesse ambiente, podendo ou não, ser reforçado pelas mesmas.

Torna-se claro, então, que o ambiente esportivo, em que viveu o participante foi reforçador para ele, tanto que este se manteve jogando por muitos anos. Emitia certos comportamentos nesse ambiente, pelos quais recebia determinados reforços, tendo seus principais reforçadores, nesse mesmo ambiente esportivo.

Quando a fase da aposentadoria chega, o atleta é implicado a mudar do ambiente que estava sendo reforçado durante anos e em que seu repertório já estava adequado, perdendo de uma só vez, seus principais reforçadores.

A situação nomeada como “stress”, na verdade, é a perda desses reforçadores.

Reforçadores Generalizados anteriores ao término de carreira esportiva

Podemos avaliar a força de eventos reforçadores quando pensamos quais são as conseqüências responsáveis pelo repertório atual e pela freqüência das respostas no repertório de um sujeito.

Um atleta considerado de alto nível recebe uma quantidade grande de reforços enquanto atua em sua prática. Ainda mais, no futebol, modalidade que atuou Paulo.

O futebol tem a maior importância no esporte dentre todas as modalidades, em nosso país e no mundo. Tem um grande apelo popular, possuindo ênfase da mídia, que constrói a idolatria de “talentos”.

Assim, são considerados reforços nessa situação, à mídia, os títulos alcançados, a fama, o reconhecimento e o dinheiro, como forma de ascensão social.

A perda de todos esses reforçadores ocorre quando o atleta se aposenta. Esse não mais aparece tanto na mídia. Perde seu reconhecimento social e a fama, com o passar do tempo e com o aparecimento de novos talentos esportivos. Não alcança mais títulos e sua situação financeira é diminuída.

Mídia, títulos alcançados, fama, reconhecimento e dinheiro são considerados reforçadores generalizados, que são reforçadores condicionados, porém agora, emparelhados com mais de um reforçador primário. Esses reforçadores tornam-se úteis, pois não é importante a condição momentânea em que o organismo se encontra. Por exemplo, o dinheiro. O dinheiro é um reforçador generalizado, pois através dele o organismo obtém reforçadores primários. Quando usamos dinheiro como reforçador, nosso controle subsequente é independente de privações momentâneas do sujeito. Assim, os reforçadores generalizados são diferenciados por serem reforçadores independentes de qualquer tipo de privação.

Os reforçadores generalizados surgem em situações em que o comportamento é reforçado por outras pessoas. Para um atleta de alto nível, a própria mídia fornece atenção, aprovação, reconhecimento e seu meio social também.

Conclui-se assim que o reforçador tem dois efeitos sobre o organismo. Aumenta a frequência do comportamento e gera “sensações” (mudanças corporais).

Sendo assim, na aposentadoria existe uma grande perda desses reforçadores, ao mesmo tempo em que o atleta terá que construir novos repertórios, com novos reforçadores. Quando nos referimos, na fase de transição, sobre a importância em relação ao preparo do atleta para deixar o esporte, uma nova busca profissional, ou uma atividade alternativa nessa fase, estamos nos preocupando, na verdade, com essa brusca perda de reforçadores. Uma preparação, ou nova atividade, é a busca por novos ambientes em que um novo repertório comportamental possa ser instalado obtendo novos reforçadores.

O psicólogo poderia dar essa assistência ao atleta, na identificação de novos ambientes reforçadores, ou seja, interesses e objetivos, para aumentar seu repertório.

Alterações de comportamento

Quando ocorre a perda dos reforçadores, abruptamente, possíveis alterações de comportamento podem ser emitidas pelo sujeito. Essas alterações se caracterizam, por exemplo, em comportamentos que foram nomeados em relação à fase de término de carreira esportiva, dos ex-atletas, como: depressivos, sensação de abandono, desmotivação, tensão, medo, raiva e outros fatores, como uso abusivo de drogas, ditos “emocionais”, conseqüências dessa fase de término de carreira.

A visão desses fatores, ditos emocionais, para a Análise do Comportamento, ficam claros na visão do fator “depressão”, por exemplo. (Wielenska, 2001).

A depressão, nomeada como doença psiquiátrica, ou seja, doença mental, é definida pela Análise do Comportamento, como variáveis de comportamentos alterados, que acabam sendo agrupados e nomeados como depressão. Não se caracteriza assim, como algo mental do sujeito.

Segundo Matos (2000), visto que o que mantém o controle do comportamento do sujeito é a função de sua sobrevivência e o valor adaptativo que este comportamento lhe proporciona, um comportamento tido como alterado, jamais é denominado “patológico”. Se esse ocorre, é porque, de alguma maneira, é funcional para o sujeito.

Assim, a análise do comportamento questiona o fato do diagnóstico, como faz, por exemplo, o DSM IV, quando descreve depressão. Argumentamos serem apenas descrições da topografia do comportamento, ou seja, da forma das respostas emitidas pelo sujeito. Os sintomas descritos no diagnóstico são comportamentos. Buscamos então, o porquê do sujeito emitir tais topografias descritas e em que condições esse responde dessa maneira.

Sobre as alterações de comportamento, conclui-se então que Paulo não emitiu tais comportamentos ditos alterados.

Reforçadores Generalizados posteriores ao término de carreira esportiva

Na experiência de Paulo, paralelamente ao ambiente em que atuava como atleta, ele começou a construir outro ambiente de trabalho, enquanto ainda não havia se aposentado. Montou duas estruturas de futebol, núcleo de formação de atletas, para crianças de 4 a 16 anos de idade. Relata que já no decorrer da carreira construiu as

estruturas. Considera-se assim, que este se preparou para o término, para uma vida após atuar como atleta. Isso corresponde ao fato de que atletas que tiveram atividades alternativas, tiveram uma melhor fase de transição, ou seja, não emitiram comportamentos alterados como consequência do término.

Assim foi construindo novos repertórios, paralelamente, nesse novo ambiente. Quando encerrou sua carreira, Paulo logo começou a atuar nessa nova atividade, na profissão nova de treinador e recebeu novos reforços, se mantendo assim no mesmo ambiente esportivo, porém não mais como atleta.

Atuando ainda no ambiente esportivo, continuou recebendo reforçadores sociais.

Reforço Social

A transição da vida esportiva para uma vida de pós atuação como atleta, pode não se dar de forma fácil, pelo fato da perda de reforçadores, como já dito anteriormente. Muitas vezes também se torna difícil, pois não há para os ex-atletas o suporte por parte dos envolvidos no esporte (dirigentes técnicos).

Alguns relatos de pesquisas da vivência de término de carreira e em relação à vida pós término apontam alguns motivos que ajudaram os ex-atletas a permanecerem motivados, ou seja, mantiveram-se sendo reforçados, assim, ajudando na não emissão de comportamentos alterados, foram eles: manutenção e construção de uma família, busca pelo crescimento profissional, atividades fora ao contexto esportivo e maior envolvimento social.

Compara-se assim, a vivência de Paulo, quando esse montou sua própria estrutura de futebol e quando se especializou como técnico (busca de crescimento profissional), conseguiu dar mais atenção à família, e obteve maior envolvimento social, em relação a sua vida pessoal e profissional também, obtendo assim novos reforçadores.

Ainda em relação a isso, alguns atletas relataram incentivos e suporte por meio da família e cônjuge. A mesma situação foi vivenciada pelo atual participante, quando esse relata sobre a importância de sua família em sua carreira, concluindo que tudo que conseguiu deve aos seus pais e a sua família. Nessas situações, estamos falando então, que Paulo obteve reforço social, relatado como apoio, suporte, incentivo durante a carreira e depois do término da mesma.

O reforço social pode ser considerado reforçador generalizado. Isso porque, os reforçadores generalizados surgem em situações em que o comportamento é reforçado por outras pessoas, como: a atenção, aprovação e afeto.(Skinner, 2003a)

A questão do social é definida por Skinner (2003c) quando este fala sobre comportamento social como o comportamento de duas ou mais pessoas em relação à outra, em relação ao ambiente comum. Este surge porque um organismo é importante para outro, como parte de seu ambiente.

No reforço social é necessária a presença de outras pessoas, ou seja, a mediação do outro. Quando um organismo apresenta um reforço positivo a outro, dizemos que este comportamento do primeiro é social e o segundo foi reforçado por reforço social.

O comportamento que é reforçado através de mediação difere-se de outros comportamentos. Resulta que este é mais amplo que o comportamento não-social.

Assim, são considerados reforços sociais que controlaram o comportamento do atleta de alto nível, como já citados anteriormente, à mídia, os títulos alcançados, a fama, o reconhecimento, pois todos geram a atenção, aprovação.

4. Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo investigar como um ex- atleta que fez carreira profissional no esporte obteve reconhecimento da mídia enquanto profissional e foi considerado de alto nível , vivenciou a fase de término de sua carreira profissional como atleta. Para isso, foram analisadas as contingências dessa passagem e consequências relacionadas a essa vivência através do relato verbal da história de vida do participante.

A presente pesquisa teve como abordagem norteadora da Psicologia, a Análise do Comportamento. Inicialmente, é importante lembrar que para um analista do comportamento lidar com dados no caso, os comportamentos, apenas através do relato verbal do participante, é um ponto de dificuldade. Os comportamentos não podem mais ser observados diretamente, quando foram emitidos no ambiente pelo sujeito e dependem portanto, apenas do comportamento verbal, no caso o relato, para serem analisados.

Referindo-se novamente a Pergher (2002), o autor retrata essa dificuldade ao colocar em discussão se é possível saber se o cliente está falando a verdade, em um ambiente de terapia, por exemplo. A terapia lida apenas, diretamente, com o relato verbal. Surge assim a dúvida se o que é relatado retrata a realidade ou não.

O terapeuta também não tem acesso direto aos eventos relatados pelo cliente, assim como ocorreu no presente trabalho, na relação entre entrevistador e entrevistado (participante da pesquisa).

Foi usado um instrumento, um roteiro de apoio à entrevista semi-estruturada, que possibilitou que as perguntas do roteiro servissem como estímulos verbais antecedentes que controlaram o comportamento do entrevistado de responder verbalmente, como explicado anteriormente no capítulo sobre comportamento verbal. Assim, as perguntas serviram como estímulo discriminativo (Sds) para evocar atos verbais do entrevistado, como a auto-observação ou descrição de sua história de vida, por exemplo, juntamente a estados corporais (sentimentos).

Ainda segundo o autor, não fica excluída a possibilidade de interferência de variáveis (eventos antecedentes e consequentes) que possam ter influenciado na precisão do relato verbal do participante. O relato do falante (participante) pode ser um relato que ficou sob controle do que o falante achou que o ouvinte (pesquisador) quisesse ouvir, ou então, ao relatar alguma situação, o falante recebeu atenção do

ouvinte, o que passou a ser reforçador para ele continuar a falar de uma certa maneira em específico.

Sobre isso, conclui-se que o analista do comportamento não terá o controle de uma pesquisa experimental, por exemplo, em uma terapia ou entrevista, pois não se trata de um setting controlado.

Portanto, não teremos a certeza do relato, pois não foi possível o acesso às situações que foram relatadas (no momento em que ocorreram).

A solução para esse ponto de dificuldade, foi usar o relato verbal como ferramenta para chegar a algumas contingências possíveis, que foram o objeto da presente investigação.

Ainda em relação à abordagem da Análise do Comportamento, esta foi referência para se tratar do tema Transição de Carreira Esportiva. Isso porque, realizar uma análise comportamental das contingências do encerramento do atleta de alto nível no esporte e analisar o processo dessa transição torna-se relevante para a abordagem, uma vez que essa se utiliza em sua parte prática, na maioria das vezes, em função de melhorar a qualidade dos desempenhos esportivos e interação entre os envolvidos na prática esportiva, visando tornar a prática física mais reforçadora ao atleta, segundo Cillo (2000).

Torna-se importante ressaltar ainda, a intenção do presente trabalho, que visou impulsionar, talvez, a possibilidade de uma atuação mais frequente e aprofundada do Psicólogo do Esporte e dos Analistas do Comportamento, que atuam na área esportiva, no campo de trabalho da Transição de Carreira Esportiva, repensando assim, a característica atual da área, que no momento presente, limita-se ao campo de melhoria de desempenhos e rendimentos de atletas.

Por fim, a atual discussão desse trabalho espera poder fornecer dados que ajudem no processo de planejamento e ajustamento da carreira pós- atlética e motivem a área em relação à construção de programas específicos desenvolvidos para o enfrentamento dessa fase de transição.

Através dos dados alcançados na entrevista, ficou claro que estes dialogam com o estudo construído no presente trabalho em relação aos seus temas constituintes: Psicologia do Esporte, aspectos do atleta de alto nível e Transição de Carreira, em sua fase de término e em relação à análise feita através da abordagem escolhida.

Em relação à Psicologia do Esporte, torna-se claro que é o início de sua ascensão como área de atuação da psicologia e que esta necessita de uma maior

contribuição. Segundo o próprio relato do participante sobre seu contato com psicólogos em times que atuou ou algum acompanhamento na sua fase de término, averigua-se que o atleta não teve esse tipo de contato com o serviço. Relatou que apenas os times que tem uma estrutura maior possuíam algum serviço nesse aspecto. Ele mesmo disse sobre uma necessidade maior da atuação do psicólogo nos clubes. Conforme relatou: *“Para certos jogadores tinha que ter uma psicóloga acompanhando, porque envolve muita coisa, dinheiro, carreira, fama. O jogador que não tiver estrutura para agüentar a fama vai se perder, e o final é triste”*.

A atuação do psicólogo, como já foi dito, baseia-se na importância prática, a qual busca a melhoria dos rendimentos dos atletas, focando-se amplamente no estudo e práticas de desempenho para que esse possa aumentar seu rendimento. Assim, o estudo da transição de carreira esportiva vem para somar, se diferenciando dessa tendência, passando a ter relevância, pois se configura em algo que vai acontecer definitivamente na vida de um atleta e que será seguido de conseqüências. As falas do participante ilustram isso : *“Porque o futebol vai começar e terminar uma hora”* e *“Conheço muitos amigos que tiveram tudo e que não tem mais nada. Aquela fantasia, ilusão, acabou”*, e retratam a importância de um olhar cuidadoso para essa fase de encerramento de carreira.

Como anteriormente citado por Agresta et al (2008), esse tema, a aposentadoria de alto nível, interessa aos profissionais da área do esporte por se tratar de uma fase inevitável a ser passada.

Brandão et al (2000) complementam:

Os psicólogos do esporte podem ser uma peça-chave neste processo de planejamento e ajustamento da carreira pós-atlética. A transição de carreira esportiva é o resultado de inúmeros fatores e mais freqüentemente uma combinação de fatores individuais e influências sociais. (p.1)

Em relação aos aspectos de um atleta de alto nível, como já citado, Böhme (2009) diz sobre a formação de um atleta de alto nível passar por um longo processo de desenvolvimento de treinamento junto à qualidade de talento do atleta. Para que um atleta consiga alcançar o alto nível e ser detectado, selecionado e promovido a um “talento esportivo”, é preciso um treinamento que começa desde a fase da infância.

Através dessa definição, o participante da pesquisa caracteriza-se então, como de alto nível. Isso porque, esse começou a jogar desde a fase da infância, aos 8 anos de

idade. Qualificou-se em um jogador de talento, passando por diversos times nacionais e internacionais famosos e também pela Seleção Brasileira, o que fica claro através de sua própria fala: *“Eu sou hoje uma pessoa reconhecida em todo lugar, tenho as portas abertas em todos os lugares que passei. Conhecimento com todos os treinadores de renome, base de conhecimento na prática e teoria”*.

Relaciona-se assim com o fato que o participante, em termos de repertório, viveu por longos anos em um mesmo ambiente, o ambiente esportivo, sendo assim reforçador para ele. Emitia certos comportamentos nesse ambiente, pelos quais recebia determinados reforços, tendo seus principais reforçadores, no mesmo ambiente esportivo.

Em relação à mídia, outra questão que envolve o fato do atleta ser de alto nível, De Rose Jr (2000) discorre sobre a importância que o esporte tem em nosso país. O esporte como possuidor de um grande apelo popular, não só no Brasil, como em todo o mundo. Assim, a importância e a ênfase da mídia para o esporte são grandes e também a idolatria de “talentos”. Um atleta considerado de alto nível recebe uma quantidade grande de reforços enquanto atua em sua prática. Ainda mais, no futebol, modalidade que atuou Paulo, como dito acima. Estes são considerados reforços sociais, na medida em que geram atenção, reconhecimento e são mediados por outros organismos.

De acordo com a fala do participante, esse mostra que se envolveu com esse fato, por ser de alto nível: *“Sem a mídia você não é ninguém. Em um minuto você é colocado como herói e em um segundo como vilão.”*

Sobre esse fator, Souza (2003) contribui, caracterizando os atletas por ganharem muitos títulos, e através desses títulos, ganharem fama e reconhecimento, tornando-se o sonho de muitos brasileiros que vêem no esporte também uma forma de ascensão social. São considerados reforços, a mídia, os títulos alcançados, a fama, o reconhecimento e o dinheiro.

Em prol disso, o atleta é muito exigido, em sua dedicação e preparação física, técnica e tática. O relato do participante sobre essa ascensão social agrega a idéia da autora. O participante relata que durante sua carreira, buscou autonomia e investimento fora ao contexto esportivo e guardou dinheiro, disse: *“se colocar o dinheiro na frente de tudo, ele te dá e te tira com facilidade. Quando você for ver, perdeu tudo. Prestígio, respeito, identidade, você mesmo não se reconhece mais”*.

Brandão (2004) também enuncia ser grande a expectativa dos jogadores de alto nível de se tornarem atletas de sucesso, pois esse feito garante a eles a mobilização de atenção de investimento financeiro e espaço na mídia.

Em relação à Transição de Carreira Esportiva, devemos levar em conta que o processo de transição de carreira esportiva, quando diz de seu encerramento, abrange questões como: a carreira esportiva é curta quando comparada a outras carreiras, a dedicação para ser um atleta de alto nível é grande podendo resumir o esporte como principal ocupação de sua vida, a aposentadoria pode gerar situações de estresse e crise de identidade, a perda da fama pode influenciar em uma má adaptação assim como a mudança econômica. E ainda que a fase do término de carreira esportiva requer do ex- atleta ajustamentos em relação a sua vida ocupacional, financeira, psicológica e social (Brandão et al, 2000). Foram investigadas então, através do relato da história de vida do participante, as emoções sentidas nessa fase, possíveis preparações para finalizar a carreira, o que caracterizou o término, apoio familiar, uma nova vida pós término e nova profissão, questões essas analisadas segundo a ótica da Análise do Comportamento.

Podemos iniciar a discussão desse tema através novamente de Barros (2008) que ilustra:

Pode-se concluir que o psicólogo do esporte brasileiro necessita atuar neste campo para a compreensão da realidade nacional, considerando características econômicas, sociais e culturais do contexto esportivo e a especificidade de nosso atleta, suas necessidades e dificuldades para que programas específicos sejam desenvolvidos a fim de enfrentar as adversidades resultantes de transições que ocorrem durante a carreira esportiva. (p.1)

Agresta et al(2008) também dizem sobre o fato, já discutido aqui através de outros autores, que a carreira esportiva é curta em comparação a outras carreiras, e que para tornar-se um atleta de elite é necessário manter a disciplina para treinar durante um longo período de tempo. A dedicação ao esporte é muito grande levando em conta que o atleta inicia sua carreira em idades precoces. Após anos de dedicação, é inevitável que o atleta se encontre com o processo final de sua carreira.

Nesse momento, segundo os autores, há uma conscientização de que não houve uma preparação quanto a isso, por parte do profissional, de uma vida pós-esporte.

Como já discutido na análise comportamental, quando a fase da aposentadoria chega, o atleta é implicado a mudar do ambiente em que estava sendo reforçado durante anos e em que seu repertório já estava adequado, perdendo de uma só vez, seus principais reforçadores, sem um preparo para isso.

Muitos se iludem que a fama iria durar para sempre. A aposentadoria, então, pode gerar situações de estresse e de crise de identidade. A situação nomeada como “stress”, na verdade, é a perda desses reforçadores.

Dados da entrevista estão de acordo com os autores quanto à dedicação alta ao esporte e posteriormente o encontro com o processo final de carreira. Em relação à isso, foi colocado pelo participante: *“O jogador não é só qualidade. É técnica e tem que ter a cabeça concentrada, muita dedicação em tudo o que faz. Nos treinamentos, se não, não agüenta”* e *“Para quem está de fora não imagina como é. É muito bom e prazeroso tudo que você faz com determinação, vontade e carinho, principalmente com profissionalismo é bom. Mas é uma rotina cansativa”*.

Já sobre a conscientização de que não houve preparo para esse término, o relato do participante não vai ao encontro já que esse relatou que: *“a partir do momento que você já tem a consciência e estrutura para saber do começo meio e fim, tudo fica mais fácil”*, mostrando certo preparo para uma vida pós-esporte.

Isso se torna mais claro ainda, na seguinte fala:

“(...) porém já tinha isso em mente, já tinha minha situação de estrutura montada, funcionando. Eu ia me desligar do profissionalismo, mais não ia deixar de fazer o que gosto e que faço até hoje, que é comandar, educar, e especializar no dia a dia do futebol moderno, passar para meus alunos e formar jogadores”.

Ainda segundo Agresta et al (2008), a transição da vida esportiva para a vida pós-esporte pode não se dar de forma fácil, pois não há o suporte por parte dos envolvidos no esporte (dirigentes, técnicos) e muitas vezes não é possível uma nova profissão que não seja ligada ao ambiente esportivo. Realmente, o participante da pesquisa manteve-se em uma profissão ligada ao ambiente esportivo, como treinador, em seu núcleo de formação de atletas e como empresário, provavelmente porque assim

recebe reforçadores de valores parecidos ao quando era atleta profissional, o que parece ter o ajudado no processo. Exemplificam Agresta et al (20008):

Alguns estudos comentam a dor emocional e a saudade vivenciada por atletas em final de carreira, que podem se tornar ansiosos e depressivos, abusar de álcool e drogas. O distress se estabelece quando consideram o que irão fazer, uma vez que não podem mais participar do esporte como jogadores de alto nível, e os amigos, companheiros de time, jornalistas e torcedores desaparecem.

De acordo com o próprio relato do atleta, esse não diz sobre um sofrimento tão grande ao encerrar a carreira e parece que o distress não foi vivido, justamente, por já ter uma atividade programada dentro do esporte, porém sem atuar mais como jogador de alto nível. Assim foram construídos novos repertórios, paralelamente, nesse novo ambiente, o que ajudou na não emissão de alteração de comportamentos, anteriormente citados. Quando encerrou sua carreira, logo já começou a atuar nessa nova atividade, na profissão nova de treinador e recebeu novos reforços, se mantendo assim no mesmo ambiente esportivo, porém não mais como atleta. Este disse: “A pessoa que sempre viveu e gosta de fazer o que é a prática do futebol é duro para encerrar. Não vão ter mais as brincadeiras em concentração, viagens, a rotina, o dia a dia mesmo, que é diferente de qualquer outra pessoa” e “Eu já tinha minhas estruturas montadas do futebol. Para alunos de 4 a 16 anos, society e campo. Eu quis já no decorrer da minha carreira, dar uma seqüência, paralelamente, dentro mesmo do futebol”.

Sua vivência dialoga com a questão já colocada por Brandão (2000): *a fase de transição relacionada ao término da carreira esportiva requer de ex-atletas ajustamentos em todas as esferas de sua vida ocupacional, financeira, psicológica e social.* (p.1).

Especificamente, para passar pela transição de carreira de forma adaptada, deveria haver uma busca pela autonomia pessoal durante a carreira e o devido investimento e desligamento dentro e fora do contexto esportivo. O participante, por sua vez, relata essa autonomia pessoal e demonstra ajuste nas esferas descritas pela autora.

Em relação aos fatores comuns que costumam ser causa do término da carreira esportiva, segundo o estudo já citado de Agresta et al (20008) , esses se caracterizam-se em : idade (49,4%), outros interesses (43%), mudanças no estilo de vida (17,7%),

problemas de saúde (16,5%), lesões (15,2%), ausência de perspectivas futuras (13,9%), problemas de relacionamento com dirigentes(13,9%), baixos resultados (12,7%), cansaço psicológico(11,4%), relacionamento com o técnico(10,1%), cansaço físico (7,6%), relacionamento com a família (7,6%) e relacionamento com a equipe(3,8%), tendo em vista que 75,9% dos ex-jogadores tomarão a decisão de encerrarem suas carreiras espontaneamente.

Torna-se assim evidenciado que a causa do participante parar de jogar futebol está de acordo com os dados de pesquisa acima, que também teve como participantes de pesquisa, jogadores de futebol. O participante decidiu encerrar sua carreira espontaneamente e as causas principais foram à idade e novos interesses. O mesmo relatou:

“Eu como jogador mais experiente e mais velho não ia mais dar retorno financeiro para os times e os times também não iam ter retorno nenhum comigo. Iam ter que me pagar em dia, eu como jogador experiente não ia ficar sem receber. Então resolvi paralisar o aspecto prático e dar um seguimento a outra coisa”.

E:

“Eu parei em condições físicas e psicológicas totalmente positivas, estava bem, em todos os sentidos. Só estava com uma idade avançada. Porque aqui no Brasil, o jogador passou dos seus 30, 31 anos, já é considerado jogador velho, coisa que na Europa não”.

Em relação a uma possível passagem não adaptada à fase do término de carreira esportiva, a mesma pesquisa realizada por Agresta et al (2008) ilustrou alguns dados estatísticos sobre as consequências emocionais da transição. Observou-se que 50,6% sentiram tristeza no momento da transição esportiva para uma nova carreira. 6,3% sentiram-se tensos, 5,1% sentiram medo, 5,1 % ficaram deprimidos, 3,8% sentiram raiva, 3,8% ficaram ressentidos e 1,3% sentiram culpa. A conclusão do estudo foi que os atletas que viveram uma carreira esportiva longa, no momento da aposentadoria, vivenciaram sentimentos de tristeza.

O participante da atual pesquisa caracteriza-se através de seu próprio relato, em relação às conseqüências “emocionais vividas”, ou seja, possíveis alterações de comportamento, apenas quando diz de uma tristeza, na parte em que relatou sobre uma possível perda de reforçadores sociais em relação a sua rotina, como jogador: *“Não vão ter mais as brincadeiras em concentração, viagens, a rotina, o dia a dia mesmo, que é diferente de qualquer outra pessoa”*.

Os estudo de Samulski et al (2009), anteriormente retratados, também dialogam com os dados da presente pesquisa e com a pesquisa de Agresta et al (2008).

Como já descrito, os autores realizaram um estudo com seis ex- atletas de alto nível de cinco modalidades, dentre elas o futebol. Os atletas possuíam em média 15 anos de prática em sua modalidade e haviam participado de competições internacionais representando o Brasil, assim como o participante dessa pesquisa, que possui uma prática de 18 anos em sua modalidade e também participou de competições internacionais.

Na pesquisa dos autores sobre o encerramento da carreira, cinco atletas tiveram como causa: contusões, queda do rendimento, questões financeiras e falta de prazer para a prática.

Outra questão importante do estudo foi em relação ao apoio obtido nesse momento. Cinco atletas relataram incentivos e suporte por meio da família, cônjuge e instituição esportiva. A mesma situação foi vivenciada pelo atual participante, quando esse relata sobre a importância de sua família em sua carreira, ou seja, o reforço social, concluindo que tudo que conseguiu deve aos seus pais, a Deus e à sua família. Disse: *“não é só o aspecto financeiro, não é vida fácil. Tem que ter tudo que gosta por perto, eu sempre fui muito família”*.

E

“Aonde eu fui, eles foram junto, isso que me ajudou a ter conquistas, conseguir êxito nos campeonatos, sempre escolhido como melhor da posição, sempre bem fisicamente, sem nenhuma lesão.”

Em relação ao meio social, todos os seis ex- atletas da pesquisa estavam em grupos sociais ligados ao esporte. Porém, quatro ex-atletas também contavam com ambiente social externo ao meio esportivo.

Em relação aos recursos disponíveis para a adaptação a essa fase, o fator do suporte social (família, amigos, fora do contexto esportivo) é descrito como influenciador na adaptação.

Assim, o meio social do participante em relação à atualidade, não retrata perda de contatos com colegas. Seu grupo social também é ligado ao esporte, continuando a ser reforçado pelo social, não perdendo esse tipo de reforçador. Retrata isso, ao dizer que a grande maioria de ex-jogadores trabalha hoje no campo do futebol, assim como ele. Atuam como treinadores de categorias de base, empresários, técnicos em times profissionais. Disse:

“A gente que trabalha no segmento tem que ver se o outro está precisando de jogador. Assim nos relacionamos de uma maneira que não é mais prática, mais através de uma teoria. Muitos amigos, ex jogadores, necessitam de um jogador novo, ou experiente e assim facilitamos o trabalho”.

A maioria dos ex-atletas da pesquisa não contou com planejamento de carreira para a fase do término, diferente do que foi relatado, como já descrito, pelo participante da presente pesquisa.

Para cinco ex-atletas, essa fase foi de dificuldades relacionadas à administração nos estudos, frequência de lesões, condição financeira e manutenção do rendimento atlético.

Como estratégias para facilitar a passagem por essa fase de término, relataram a presença de novas capacitações em outras áreas e ajuda de um psicólogo.

Relatos dos pós- termos da carreira trouxeram motivos que ajudaram os ex-atletas a permanecerem motivados, foram eles: manutenção e construção de uma família, busca pelo crescimento profissional, atividades fora ao contexto esportivo e maior envolvimento social. O participante desta pesquisa planejou a carreira para o término e também a vida como aposentado, mesmo sem a ajuda de um psicólogo.

Também se mostrou motivado com a nova busca de crescimento profissional, através da especialização que realizou para treinador, como relata:

“O técnico Muricy, que já tinha sido meu treinador, foi meu professor, junto ao Nelsinho, Luxemburgo, Leão, vários

treinadores de renome que me deram uma base muito boa, então já tinha mais ou menos focado nesse aspecto, parar de uma maneira que eu tivesse satisfeito de tudo que eu pude dar para o futebol e também receber.”

E através da manutenção da família, onde relata que: *“(…) com concentração e viagem ficava fora de casa. Mas hoje, consigo fazer tudo que sempre sonhei. Levantar cedo, levar os meus filhos na escola. Dar o café da manhã para eles”.*

Paulo se manteve montar sua própria estrutura de futebol e quando se especializou como técnico (busca de crescimento profissional), conseguiu dar mais atenção a família , e obteve maior envolvimento social, em relação a sua vida pessoal e profissional também.

Sobre os fatores relacionados com a adaptação da transição de carreira que são discutidos por Taylor e Ogilvie, em Brandão et al (2000), as experiências vividas do término, pelo atleta, afetarão sua percepção de si mesmo e a importância que este dá para sua atuação, influenciará nessa adaptação. Atletas identificam-se com a identidade que representam no esporte e muitas vezes têm dificuldades de assumir outros papéis. Os status econômicos podem influenciar.

Sobre isso, a fala do participante mostra que este se adaptou a transição. Isso porque, continuou em um ambiente esportivo, aonde continua sendo reforçado. Continua recebendo reforço social pelo o que faz em sua nova profissão, portanto continua dando importância para a sua atuação e adaptado a uma nova identidade. Como fica claro na fala: *“a minha história no futebol foi muito bonita e continua sendo bonita”.*

E

“Sou um grande homem, uma grande pessoa, grande pai de família e grande educador, acho que não tem dinheiro que pague. O restante vem com conquista, trabalho. Se você tiver uma base estrutural e família, conquista os objetivos da vida.”

Continua sendo reforçado, porém de outra maneira:

“18 times, 18 anos de carreira. Hoje tenho 8 anos dentro do meu trabalho de formação de

jogadores, alcançando objetivos, sempre educando e resgatando jogadores. Muitas vezes, é meu aluno, mais eu já considero como homens. Tiro do lado errado da vida e faço esse papel que me deixa muito satisfeito. Com certeza, futuramente, vou ter grande parcela de contribuição na vida deles.”.

E

“Saiu aqui, da minha estrutura, e isso nos deixa muito honrado”, ao dizer sobre um jogador formado em seu núcleo, de 19 anos, que foi jogar no time do Gêmio.

Segundo Brandão et al(2000,p.53):

(...) pode ser concluir que o término de carreira do esporte não necessariamente causa uma reação de “stress” negativo em parte dos atletas. A qualidade da adaptação para transição de carreira depende do passo anterior ao processo de retirada.”

No seguinte relato, fica claro que o término para o participante não causou uma reação de stress negativo e que este possuiu uma qualidade de adaptação.

“(...) mais eu, particularmente, tinha focado que já estava bom, porque eu podia ter desgaste, coisa que eu nunca tive no futebol profissional. Desgaste prático, mais principalmente, no aspecto de teoria, com dirigentes ruins, com maus treinadores, por exemplo. Muitas vezes, nós que vivenciamos aspectos positivos do futebol e que, deixamos portas abertas em todos os lugares em que passamos, poderíamos nos desgastar e nos prejudicar, então parei de uma maneira positiva da mesma maneira que comecei”.

Segundo Barros (2008), o atleta tem que se preparar para deixar o esporte, buscando possibilidades de novas de carreira profissional.

Segundo o estudo de Baillie, em 1992, com atletas profissionais, resultados mostraram que atletas enfrentam melhor a saída do esporte de acordo com: a) saíram por escolha própria, b) atingiram objetivos, c) estão prontos para continuarem envolvidos no esporte, se assim desejarem, d) possuem graduação e pós -graduação e

e) estão prontos para o desligamento, tudo o que ocorreu com o participante da presente pesquisa. Em relação a esses pontos, afirma ter atingido seus objetivos e disse sobre a sua continuidade no envolvimento com o esporte, almejando a possibilidade de ser técnico:

Todos os meus objetivos, tudo que passei, passei de uma maneira transparente e correta, sempre deu certo. Se aparecer a oportunidade, além das minhas estruturas funcionado, vou ser mais um espelho para quem quer chegar lá. Porque o treinador deles, comandante, estará em um time grande, isso é muito importante, ser um espelho positivo para meus alunos de hoje. Eu já fui espelho como jogador e agora como treinador. Hoje eu posso passar o que foi a realidade do futebol para meus alunos”.

Ainda de acordo com Murphy, em 1995, o esporte traz satisfação por habilitar o atleta a desenvolver e ter competência, promovendo um alto índice de motivação intrínseca, recompensa social, e possibilidades de bons relacionamentos sociais. O atleta tentará satisfazer essas mesmas necessidades ao término de carreira (Barros, 2008). Em relação a isso, fica claro que o participante possuiu grande satisfação atuando no esporte, ao dizer que: *“gostava da vida, que foi sempre isso. Plantei para colher”*. E que fez o que sempre quis, que era : *“estar em campo e jogar meu futebol”*.

Sobre o atleta tentar satisfazer as mesmas necessidades de quando era atleta, pós término, fica evidenciado na sua vontade de ser técnico, na seguinte fala do participante:

“Primeiro formo o caráter, depois o jogador. Incentivo primeiro a escola, o estudo. Porque o futebol vai começar e terminar uma hora e o estudo não. É para o resto da vida. Essa é a minha preocupação atual no futebol.”

E

“Se eu te falar que a gente não almeja ser técnico, pela minha carreira que foi uma carreira brilhante, de vários times grandes, se eu te falar que não tenho esse sonho... Eu

*tenho sim e estou em busca. E eu quando
sonho, consigo”.*

5. Referências Bibliográficas

AGRESTA, M.C.; BRANDÃO, M .R .F. ; BARROS NETO,T. L. Causas e conseqüências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, Niterói, v. 14, n.6 , p. 504-508,nov./dez.2008. Disponível em:< www.scielo.br >. Acesso em: 15 mar. 2010 .

BARKER, C . ; PISTRANG, N.; ELLIOT,R. Self-report methods. *Research methods in clinical e counseling psychology*. Chichester: J. Wiley, 1994. p. 85-111.

BARROS, R. Ronaldo anuncia sua “primeira morte”. *Destak Jornal*, São Paulo, p.12, 15 fev. 2011.

BARROS, K, S. DE. Recortes da transição na carreira esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v.2, n.1, p. 01-27, 2008. Disponível em: < <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php>>. Acesso em: 9 dez. 2010.

BRANDÃO, M.R.F. O lado mental do futebol. In: BARROS NETO, T.L, *Guerra I. Ciência do futebol*. Barueri: Manole, 2004. p. 203-220.

BRANDÃO, M.R.F. et al. Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de ciência e movimento*, Brasília, v.8, n.1, p. 49-58, jan. 2000. Disponível em: < <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM>> . Acesso em: 5 abr. 2010.

BÖHME, M.T.S. O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo. In: ROSE JR, D. (Org.). *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência* . São Paulo: Artmed, 2009, p. 109-122.

CEDRA,C.; SERIO,T.M.A.P. O treinamento do lance livre no basquetebol. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v.2, p. 01-28, 2008. Disponível em : < <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php>>. Acesso em :10 mai. 2011.

DE CILLO, E.N.P. Análise do comportamento aplicada ao esporte e à atividade física: a contribuição do behaviorismo radical. In: RÚBIO,K. (Org.). *Psicologia do Esporte. Interfaces, Pesquisas e Intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 86-100.

DE ROSE JR, D. O esporte e a psicologia: enfoque do profissional do esporte. In: RÚBIO,K. (Org.). *Psicologia do Esporte. Interfaces, Pesquisas e Intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 29-39.

DI PIERRO,C. História da psicologia do Esporte. In: *A psicologia e o campo de alto rendimento: a atuação do Psicólogo do esporte*. 2001. 56 f. TCC em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001. P. 3-5.

DI PIERRO, C., CILLO, E. N. P., HALLAGE, S. Análise do Comportamento e Esporte: revisão dos artigos publicados na coleção Sobre Comportamento e Cognição, de 1997 a 2009.

In: HUBNER, M. M. C. (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição: vol 26. Análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas*. Santo André: Esetec, 2010. p. 71-75.

FIGUEIREDO, S. H. Psicologia do esporte: analisando o comportamento. In: KERBAUY, R.R. (Org.). *Sobre comportamento e cognição: vol. 5. Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico*. Santo André: Esetec, 2000. p. 113-115.

FIGUEIREDO, S.H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: RUBIO,K. (Org.). *Psicologia do Esporte. Interfaces, Pesquisas e Intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 113-124.

GUILHARDI, H.J. O uso de instrumentos padronizados de avaliação comportamental nas sessões de terapia. *Textos sobre terapia por contingências de reforçamento*. Disponível em: < <http://www.terapiaporcontingencias.com.br>> Acesso em: maio. 2011

MATOS, M. A. Análise Funcional do comportamento. *Revista Estudos de psicologia*, São Paulo, v.16, n.3, p. 8-18, 2000.

PERGHER, N.K. É possível saber se o cliente está falando a verdade? In: TEIXEIRA, A.M.S. et al. *Ciência do Comportamento: Conhecer e avançar*. Santo André: Esetec, 2002, p. 109-122.

RÚBIO, K. O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. In: RÚBIO,K. (Org.). *Psicologia do Esporte. Interfaces, Pesquisas e Intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 15-28.

RÚBIO , K. A Psicologia do Esporte: Histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia, ciência e profissão*, São Paulo, v.19, n.3, p. 60-69, 1999.

SAMULSKI, D.M. et al. Análise das transições das carreiras de ex-atletas de alto nível. *Rio Claro*, v.15, n.2, p.310-317, abr./jun. 2009. Disponível em: < boletimef.org/biblioteca/2620/artigo/BoletimEF.org_Analise-das-transicoes-das-carreiras-de-ex-atletas-de-alto-nivel.pdf>. Acesso em: 10 maio.2011.

SERIO, T.M A.P. et al. Comportamento Verbal. *Controle de estímulos e comportamento operante. Uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2004. p.113-137.

SKINNER, B.F. Comportamento Operante. *Ciência e Comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 64-100. (a)

SKINNER, B.F. Discriminação Operante. *Ciência e Comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 118-141. (b)

SKINNER, B.F. Comportamento Social. *Ciência e Comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 325-341.(c)

SOUZA, S.R. O que é psicologia do esporte. In: COSTA,C.E(Org.). *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição*. Santo André: Esetec, 2003. p. 161-166.

WIELENSKA, R. C. Análise Funcional da Depressão(ou: a qual fenômeno estamos mesmo nos referindo? In : WIELENSKA, R. C. (Org.). *Sobre comportamento e cognição: vol. 6. Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas em outros contextos*. Santo André: Esetec, 2001, p. 271-283.

6. Anexos

Anexo 1: Roteiro de apoio

- .Sua história de trabalho no esporte.
- Dados de apresentação: casado/filhos/ núcleo familiar.
- Qual situação de hoje/ trabalha?
- .Como é a rotina? E como era?
- .Contar um dia no esporte e hoje. Hábitos.
- .Como foi a aposentadoria? Afeto /sentimento/ emoção/ ligados a aposentadoria e ao trabalho.
- .Como era naquela época?
- Como é hoje?

Atleta de alto nível:

- .Começou treinamento na infância?
- .Meio social na época. Dedicção só a isso na maior parte do tempo?
- .Sobre a pressão e rigor do treinamento. Cobrança? Mídia? Identidade de ser um talento esportivo.
- .Condição econômica (esporte como ascensão social)
- Sobre: títulos/ fama/ sonhos /expectativa em relação ao reconhecimento.

Transição de carreira esportiva: fase do término

- Quanto tempo foi de carreira?
- .Houve algum tipo de preparo para o término? Para a vida pós- esporte?
- .Durante a carreira, houve busca de autonomia? Investimento fora ao contexto esportivo?
- .Fatores causais do término: idade, novos interesses, fadiga psicológica, dificuldade com a equipe técnica, baixos resultados esportivos, contusões, problemas de saúde ou ficar na reserva .
- .Já teve contato com psicólogo? Havia no clube?
- .Consequências emocionais do término da carreira: o que sentiu?
- .Obteve satisfação durante a carreira?



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Sede Campus Monte Alegre
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____,
RG _____, aceito participar da pesquisa “Transição de carreira esportiva: Uma análise comportamental das contingências, após término de carreira esportiva, em atletas de alto nível”, realizada por Bárbara Narciso Russo, aluna do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica; sob orientação da professora Renata Paparelli. Estou ciente que posso contatar a pesquisadora executante a qualquer momento através do telefone 8383-5443 e do email babi_nr@hotmail.com.

O objetivo deste trabalho é estudar como um ex-atleta de alto nível viveu a experiência de término de sua carreira esportiva.

Fui informado (a) que serei submetido (a) a uma ENTREVISTA semi- estruturada, que abordará questões sobre as vivências que tive ao encerrar minha carreira esportiva.

Minha participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. Não haverá nenhum grau de risco nesta pesquisa.

As informações oferecidas por mim serão mantidas em lugar seguro e só terão acesso a elas a autora que conduz o estudo e sua orientadora. Caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, minha identidade será preservada.

São Paulo, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Executante

Assinatura do Pesquisador Responsável